



Francesca Cricelli é poeta, tradutora e pesquisadora. Cresceu entre o Brasil, a Itália e a Malásia. Publicou os livros de poemas *Inventário* (editora Nós, 2024), *Repátria* no Brasil e na Itália (Selo Demônio Negro, 2015 e *Carta Canta*, 2017) e *16 poemas + 1* nos EUA (edição de autora, 2017), na Islândia (Sagarana forlag, 2017) e na China (Museu Minsheng, 2018), além da plaquette *As curvas negras da terra / Las curvas negras de la tierra* (edição bilíngue, Nosotros Editorial, 2019). Suas crônicas de viagem e uma breve prosa de autoficção publicadas em revistas foram reunidas no livro *Errância*, inicialmente editado como livro cartonero pela Dulcinéia Catadora (2018) e depois pela Edições Macondo e Sagarana forlag (2019). Traduziu para editoras brasileiras escritoras italianas como Sibilla Aleramo, Elena Ferrante, Igiaba Scego, Claudia Durastanti, Lisa Ginzburg, Ada D’Adamo e Paola Masino. É doutora em Literaturas Estrangeiras e Tradução pela Universidade de São Paulo, foi pesquisadora visitante da Universidade de Londres, no Institute of Languages Cultures and Societies e no Centre for the Study of Contemporary Women’s Writing. Viveu na Islândia, onde lecionou a língua portuguesa, italiana para islandeses e a língua islandesa para falantes de espanhol.



PGET



coleção palavra de tradutor

medusa



entrevista

FRANCESCA CRICELLI

entrevista



medusa

FRANCESCA CRICELLI

organização

Andréia Guerini
Monalisa Cristina Teixeira

Coleção Palavra de Tradutor

A Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina se propõe a dar voz ao tradutor, e à tradutora, a fim de que possam expor, nesta coleção de livros, suas realizações e oferecer ao público leitor as concepções teóricas que embasaram seu trabalho prático.



FRANCESCA CRICELLI

ENTREVISTA

medusa

curitiba
2026

Copyright desta edição
© 2026 Medusa

Edição
Ricardo Corona
Eliana Borges

Projeto gráfico
Eliana Borges

Revisão
Andréia Guerini
Monalisa Cristina Teixeira

ISBN 978-65-86276-48-0

Impresso no Brasil / 1ª. Edição
Foi feito o depósito legal

Editora Medusa
www.editoramedusa.com.br
editoramedusa@hotmail.com
facebook.com/EditoraMedusa

Coordenação da coleção
Andréia Guerini
Karine Simoni
Walter Carlos Costa

Comitê editorial
Caetano Galindo (UFPR)
Fábio de Souza Andrade (USP)
Gonzalo Aguilar (UBA)
Henryk Siewierski (UnB)
Kathrin Rosenfield (UFRGS)
Luana Ferreira de Freitas (UFC)
Malcolm McNee (Smith College)
Marco Lucchesi (UFRJ e ABL)
Myriam Ávila (UFMG)
Odile Cisneros (Universidade de Alberta)
Susana Kampff Lages (UFF)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Francesca Cricelli entrevista / organização
Andréia Guerini, Monalisa Cristina Teixeira. --
1. ed. -- Curitiba, PR : Medusa, 2026.

Vários colaboradores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-86276-48-0

1. Literatura - Traduções 2. Tradução e
interpretação como profissão 3. Tradutores -
Formação profissional I. Guerini, Andréia.
II. Teixeira, Monalisa Cristina.

26-401327.0

CDD- 418.02

Índices para catálogo sistemático:
1. Tradução e interpretação : Linguística 418.02
Henrique Ribeiro Soares - Bibliotecário - CRB - 8/9314

coleção palavra de tradutor

ORGANIZAÇÃO

Andréia Guerini
Monalisa Cristina Teixeira

ÍNDICE

9	APRESENTAÇÃO
12	ENTREVISTA
45	OBRAS TRADUZIDAS
51	EXCERTO DE TRADUÇÕES
111	CRONOLOGIA

APRESENTAÇÃO

Francesca Cricelli viveu e vive entre diferentes línguas e foi na “dificuldade de transitar nas diversas sintaxes” e seus meandros, e no trânsito entre culturas que se tornou uma tradutora prolífica, ofício que desenvolve com rigor e paixão. Paixão que se expande pela poesia, e por obras de mulheres, como Ada d’Adamo, Elena Ferrante, Igiaba Scego e Claudia Durastanti, mas também esteve aberta à tradução de prosa e de autores variados, de Leopardi a Ungaretti, passando por Fernando Pessoa, Raúl Zurita e Antonio Scurati, para citar alguns.

A prática e a reflexão sobre a tradução de Francesca Cricelli se estruturam a partir de sua errância, com uma trajetória marcada por diferentes deslocamentos e vivências. Essa experiência acumulada desde a infância fundamenta uma visão em que traduzir ultrapassa o simples exercício técnico, configurando-se como uma atividade culturalmente marcada, que exige imersão, ética, criatividade e negociações.

Para Francesca Cricelli, o ato de traduzir também envolve uma entrega profunda que demanda fôlego e presença física. Mesmo transitando mais “fluidamente” entre os sistemas italiano e brasileiro e outros mais “difícultosos” como o islandês, trata-se de um processo em que a tradutora se permite ser “habitada” pelo

texto e pelo universo do outro, sem abrir mão de um espírito imersivo de pesquisa, acompanhado de um olhar lúdico.

A entrevistada chama atenção para o fato de a tradução ser compreendida como uma forma de autoria complexa e compartilhada. Longe de ser um trabalho solitário, o resultado é fruto de um processo “coral”, construído no diálogo constante com editores, preparadores e revisores.

Essa perspectiva coloca a responsabilidade ética do tradutor e da editora em evidência: cabe a eles acolher o estrangeiro na língua de chegada sem domesticá-lo excessivamente nem achatar suas nuances. Como a autora ressalta, nenhuma estratégia de comunicação ou marketing é capaz de sustentar um livro cujo texto tenha sido mal traduzido ou mal editado.

Em sua visão, a prática da tradução precede ou caminha lado a lado com a teoria. Apoiar-se em autores e conceitos da área, como a “prova do estrangeiro” de Antoine Berman ou as reflexões de Schleiermacher e Venuti, serve como um guia que norteia as escolhas diárias sobre o quanto da cultura de origem deve ser preservada. Nesse percurso, a sustentação da dúvida, inspirada nas reflexões de Italo Calvino, é vista como um elemento indispensável para a qualidade do trabalho.

A necessidade de desaceleração e de cuidado humano fundamenta também a postura crítica da entrevistada frente ao avanço desenfreado da

inteligência artificial na tradução literária, defendendo a valorização do profissional e a garantia de sua visibilidade e seus direitos em contraposição às exigências de velocidade do mercado.

Além de afetar diretamente o modo como lê, leciona e consome cultura, a tradução atua como uma verdadeira escola para a sua própria escrita autoral. Exercitar o rigor e a recriação na palavra do outro funciona como um motor criativo que alimenta sua produção em poesia e prosa.

O conselho aos tradutores iniciantes sintetiza essa postura: o ofício se aprende na prática, pelo exercício continuado de “alinhar uma palavra atrás da outra”, movido por “desejo e recorte” e amparado por boas leituras e parcerias de trabalho.

Andréia Guerini

Monalisa Cristina Teixeira

ENTREVISTA

1. Conte sobre os anos da formação: escola, universidade, cidades/países.

1. Só percebi com o tempo e o amadurecimento que minha vida um pouco errática me trouxe muitos privilégios. Em princípio, todos esses deslocamentos, em especial na infância e depois na pré-adolescência, nem sempre foram fáceis. Nasci no Brasil, no interior de São Paulo, em Ribeirão Preto, numa família majoritariamente de imigrantes italianos de primeira e segunda geração, mas em casa falava-se somente português embora estivesse sempre exposta à escuta da língua italiana (os avós), à música e as histórias e relatos de uma vida de migração. Nos primeiros anos, estudei numa escola Waldorf que era uma ilha progressista dentro de uma cidade bastante conservadora no final dos anos oitenta. No começo dos anos noventa, com o plano Collor (mas não só isso, como diz a escritora Claudia Durastanti, que traduzi para a editora Todavia — não são só razões econômicas e políticas que forçam as migrações, há também motivos muito triviais e até inconscientes), minha família nuclear decidiu fazer uma migração de retorno à Itália, então fui à frente com meu pai e alguns meses depois veio minha mãe. Os três munidos de cidadania italiana, mas de fato só meu pai falava a língua e já havia vivido na Itália. A mudança foi radical em muitos sentidos, relatei um pouco dessa história num texto autobiográfico no meu livro de viagens *Errância*, publicado em 2019 pela

editora Macondo (em coedição com a Sagarana forlag). Comecei a estudar numa escola pública italiana e pela primeira vez em minha vida saí da minha bolha de privilégio social e racial em que vivia no Brasil. Apreendi o italiano rapidamente, em dois meses já era fluente (tinha só nove anos) e aos poucos comecei a misturar as minhas línguas, depois levei anos para separá-las. Aos onze anos, dois anos mais tarde, meu pai recebeu uma proposta de trabalho que nos fez migrar mais uma vez, mas numa condição completamente diferente: antes havíamos sido imigrantes retornados, agora éramos “expatriados” (não gosto dessa expressão, mas acho que descreve bem o recorte) no sudeste da Ásia, na Malásia, nos anos em que começavam a despontar os países do bloco que se convencionou chamar de “Tigres Asiáticos” para conotar o *boom* econômico daquela região. Lá, tive a oportunidade de estudar até os dezoito anos num colégio internacional, foi assim que aprendi também a língua inglesa com fluência, estudei espanhol e pude aprender algumas coisas da língua local, *bahasa melayu*. Ao final do colegial, me mudei com meus pais para Barcelona, onde morei por um ano, depois acabei me mudando sozinha para Florença, pois queria voltar a viver na Itália e falar uma língua *familiar*. Estudei Ciências Políticas, me formei e voltei ao Brasil em 2005-2006, num movimento análogo de resgatar um sentido de pertencimento e identidade que sentia muito diluídos por viver inserida num mundo anglófono por tantos anos. Nesse ínterim, até voltar ao Brasil,

meus pais também moraram no México e na Índia, passei sempre temporadas nesses países com eles, viajando, me adentrando o quanto pude nessas culturas. Vivi até 2019 em São Paulo onde construí laços muito importantes com grandes amigos, uma trajetória acadêmica e uma carreira como tradutora/intérprete e também poeta. Fiz mestrado e doutorado, publiquei livros, artigos e muitas traduções. Nunca pensei em deixar São Paulo, até que um grande encontro me levou a Reykjavík — após a defesa do meu doutorado, me mudei para a Islândia, onde vivi por quase seis anos. Estudei a língua islandesa na Universidade da Islândia (cheguei a lecionar português, italiano e até mesmo islandês para falantes de espanhol por lá). Me casei, tivemos um filho e agora voltamos os três para São Paulo, onde no momento desta entrevista (primeiro semestre de 2026) estou fazendo um pós-doutorado no qual pesquiso e traduzo a última obra de Elsa Morante e outras representações da maternidade na literatura.

2. Quais foram as suas primeiras leituras?

Na infância, aprendi a ler lendo os gibis da *Turma da Mônica* e a *Folhinha*, meus avós maternos eram bem atentos a isso e todo final de semana me apresentavam com novas histórias, meu pai também comprava gibis italianos (que eram uma grande raridade nos anos oitenta numa cidade do interior), justamente Topolino, e lia para mim traduzindo-os. Quando me tor-

nei mais autônoma, não só na leitura, mas também na capacidade de me deter por mais tempo em silêncio, sozinha com outras histórias, acho que eu já tinha em torno de oito ou nove anos, me marcaram demais *Meu pé de laranja lima* de José Mauro de Vasconcelos (li numa edição super antiga que tinha sido da minha mãe) e me lembro de chorar de emoção e sentir que havia uma vida interior que pertencia a essa relação com os livros, da ordem da fabulação. Já na Itália me lembro de adorar ler *Pattini d'argento*, romance de Mary Mappes Dodge (vejam só, uma tradução), um presente da mãe do meu melhor amigo de lá, Francesco (além de tudo meu xará). Agora, a posteriori, vejo como esses relatos de superação marcaram minhas leituras infantis! Também gostava de Gianni Rodari, em especial *Favole al telefono*, também um presente da mãe do meu amigo Francesco. Vim de uma família na qual havia livros mas não grandes leitores, talvez só minha avó paterna, com quem conversei muito na adolescência, fosse uma leitora mais refinada. Nesse sentido, todas as escolas que frequentei foram portais importantes para minha entrada no mundo dos livros. Foi na Itália que peguei um amor pela leitura, lembro-me de colocar na minha mochila, já de mudança para a Malásia, dois livros que amava: *Re Artù e i cavalieri della tavola rotonda*, uma edição escolar, se não me engano da editora Giunti, e *Re Mida ha le orecchie d'asino*. Nessa mesma época, líamos a Odisseia em sala de aula, então tudo isso teve um impacto na minha capacidade de escuta e fa-

bulação. Quando chegamos em Kuala Lumpur, eu tinha uma resistência imensa a ler em inglês, apegava-me muito às leituras em italiano, só com o tempo passei a amar também a literatura estudada em língua inglesa, em especial a poesia: lembro que no colegial me marcaram muitíssimo as primeiras leituras de T.S. Eliot e Walt Whitman, além dos romances de Camus (outra tradução!) e Joseph Conrad. Em paralelo, na Malásia, eu contava com uma tutora de língua e literatura italiana, Flora, que me fez amar Leopardi a ponto de tentar traduzi-lo para o inglês como projeto de conclusão de ano no final do colegial. Acho que a tradutora literária nasceu lá, em meados da virada de milênio.

3. Quais autores/autoras mais marcaram a sua vida acadêmica e que de alguma forma mais influenciaram a sua formação?

Antes de assumir que o que eu queria mesmo era pertencer ao mundo das letras, passei pela ciência política e, nessa trajetória tão ampla que é esse campo de estudos na Itália, lembro que me senti muito tocada por algumas disciplinas, entre elas as cadeiras de Filosofia Estética e Filosofia da Linguagem, foi quando estudei pela primeira vez Wittgenstein e também li Baudelaire (*As flores do mal*), quando li *Angelus Novus* de Walter Benjamin e estudei Cézanne através de suas cartas. Naquela época tudo isso fazia parte do currículo obrigatório para os alunos que se formavam

em Comunicação e Ciência Política na Università degli Studi di Firenze. Acho que o impacto da primeira leitura, da descoberta, é tão único que deixa uma espécie de “pegada” na alma. Ainda tenho esses livros da época da faculdade bem anotados às margens com minha letrinha de jovem estudante. Com o tempo, com a escolha de uma carreira acadêmica, entrei num afunilamento na área da literatura italiana e da tradução, depois nos estudos de cartas e arquivos. Nessa jornada, é claro que mantive meu poeta de cabeceira ao meu lado, Giuseppe Ungaretti (que estudei por anos, até organizei suas cartas a Bruna Bianco), contudo tenho sentido imenso apreço por autoras que rompem um pouco a barreira de gênero entre o estudo acadêmico e uma produção de pensamento que parece quase literária (pela beleza) mas sem perder o rigor. Incluiria entre elas Adriana Cavarero (em especial os longos ensaios *Tu che mi guardi, tu che mi racconti* e *Donne che allattano cuccioli di lupi*); a pesquisadora, tradutora e escritora argentina Maria Negroni, autora entre outros do ensaio *A arte do erro*, que saiu aqui no Brasil na tradução de Ayélen Medail e Diogo Cardoso para a editora 100 cabeças; além dos livros de Laura Wittner, *Viver e Traduzir*, traduzido por Paloma Vidal e Maria Cecília Brandi para a Bazar do Tempo, e *Viver entre línguas*, da grande Sylvia Molloy, também publicada no Brasil pela editora Relicário na tradução de Mariana Sanchez e Julia Tomasini; por fim, Glória Anzaldúa, como seu ensaio *Falando em línguas: uma carta para*

as mulheres escritoras do terceiro mundo, traduzido por Édna de Marco e publicado pela revista Estudos Feministas da UFSC. Acho que incluiria também o ensaio da escritora Zadie Smith, *Speaking in Tongues*, e os livros da escritora, tradutora e professora Jhumpa Lahiri, entre os quais o ensaio *Translating myself and others*, que saiu na Itália com o título *Perché l'italiano? Storia di una metamorfosi*, traduzido por Fabio Pedone, Tiziana Lo Porto, Stella Sacchini e Domenico Starnone. As mulheres pensadoras têm entrado com toda força naquilo que tento construir como um “cânone” de leitura.

4. Como e quando você iniciou a sua trajetória de tradutora? Como se deu o seu encontro com a tradução?

Já havia traduzido poemas e contos, mas nunca publicado essas traduções, também fiz aquele pequeno projeto escolar com as traduções de Leopardi para o inglês, depois comecei a traduzir os trabalhos da minha tia materna para congressos na área de psicanálise (normalmente para o inglês e para o italiano), até que surgiu um convite em 2011 para traduzir um livro de ensaios de um psicanalista italiano, Vincenzo Bonaminio, que co-traduzi com outras pessoas, essa foi a minha primeira experiência de tradução publicada. Em 2015, já durante o doutorado, tive a honra de ser indicada pelo meu então orientador, Maurício Santana Dias, um grande tradutor de literatura italiana, para

verter o romance *I giorni dell'abbandono*, de Elena Ferrante. Maurício estava traduzindo a tetralogia e a editora Biblioteca Azul queria logo publicar esse romance anterior, então eu assumi a tarefa. Foi uma grande experiência de crescimento, minha primeira tradução de um romance, por sorte contei com o grande auxílio da editora Ana Lima Cecílio, que foi me guiando nos meandros de como se trabalha um texto traduzido com fins comerciais, o que já é uma preparação e tanto. O próprio Maurício me ensinou muito nesse processo, me ajudando a entender como eu deveria justificar minhas escolhas perante um preparador e uma editora. Desde então, não parei mais de traduzir literatura, em especial livros escritos por mulheres.

5. Como é viver/estar entre línguas e como é traduzir desses ou para esses diferentes contextos linguísticos/culturais?

Desde muito cedo comecei a viver entre línguas. Claro, tenho lembranças da minha vida antes dessa mudança, mas não apenas aprendi o italiano muito cedo como me tornei, por alguns meses, intérprete da minha mãe. Acho que essa vivência de ser uma criança que já entende códigos de dois mundos e, de forma consciente, não só começa a comunicá-los mas também a viver numa dupla realidade, carrega a marca de ser sempre estrangeira, em qualquer um dos países aos quais pertence. Acho curioso como agora está na

moda criar crianças bilíngues de forma completamente artificial. Paga-se caro por isso. Contudo, é o ambiente como um todo o que faz a diferença nessa aquisição. Por muito tempo, na infância e na juventude, sofri a dificuldade de transitar nas diversas sintaxes, minha pontuação e o comprimento das minhas frases carregavam uma marca estranha em qualquer língua. Também desenvolvi uma capacidade camaleônica, uma habilidade de me tornar parecida com aquilo que tinha ao meu redor: morando em Florença, adquiri um marcado sotaque toscano; indo para Roma, mudava de novo minha fala; até entre a zona oeste de São Paulo e o interior do estado consigo ir e vir. Porém, com o tempo, estou perdendo essa elasticidade. Essa porosidade constitutiva ajuda na hora de sentar e traduzir, há sempre um lado que se coloca por inteiro naquele texto de partida e os detalhes chegam muitas vezes através de lembranças longínquas, cheiros, informações incorporadas para além da leitura. Na hora de escolher como verter isso para outra língua, se dá uma primeira fase de negociação que logo se expande no diálogo com quem editará o texto. Há trânsitos mais fluídos entre Itália e Brasil, por exemplo, e outros mais dificultosos, como traduzir do islandês. São línguas e culturas muito diferentes, há mais negociações a se fazer e às vezes são necessários paratextos para que a leitura se aproxime da leitora e do leitor.

6. Você é uma tradutora multifacetada, transita por

diferentes autores e obras: qual o seu autor/gênero literário preferido?

Poesia sempre foi o meu primeiro amor e o mais intenso. Mas não é qualquer poesia que gosto de traduzir. Estou gostando demais de traduzir poesia islandesa desde que morei em Reykjavík, esse foi o meu método para aquisição dessa língua tão complexa. Além de estudá-la na universidade, com bastante afinco, tive que criar uma ponte de desejo para poder entrar nesse registro tão distante do meu repertório. Isso se deu através da poesia escrita por mulheres, poesia contemporânea islandesa. Traduzi muitos poemas para a página Um poema nórdico ao dia, numa rede social, editada por meu marido, Luciano Dutra, que também é tradutor literário. Recentemente ando traduzindo a quatro mãos com ele duas poetisas contemporâneas islandesas (uma amostragem já foi publicada na revista portuguesa Eufeme): Gerður Kristný e Soffía Bjarnadóttir. No campo da prosa, acabo traduzindo o que preciso traduzir, não escolho muito, mas gostei muito do livro *Come D'Aria*, de Ada d'Adamo, já falecida, que venceu o Prêmio Strega, que saiu no Brasil pela Todavia. Também gostei do romance *Nascita e morte della massaia*, de Paola Masino, que saiu aqui pela Instante. Infelizmente não são livros que circularam muito, talvez por apresentarem algum desafio ao leitor. Adorei traduzir um livro infantil da excelente Beatrice Alemagna publicado pela Martins Fontes e uma história em quadrinhos

de Micol Beltramini e Agnese Innocente, voltada ao público adolescente, que saiu aqui pela editora VR. Esses dois foram desafios interessantes, eram gêneros novos para mim, espero continuar a traduzir dessa forma expandida, pois também é uma maneira de conhecer as urdiduras do mercado editorial. Contudo, há um prazer especial quando se traduz algo com mais tempo para a reflexão, é o que estou experimentando durante o meu pós-doutorado, traduzindo e estudando Elsa Morante. Também estou terminando a tradução de uma antologia de poemas do poeta chileno Raúl Zurita, um dos meus favoritos, então sinto que esse exercício é uma forma de realizar um sonho, habitar as palavras de alguém que admiro imensamente, e poder trazer sua poesia para o Brasil, para o nosso português, pela primeira vez.

7. Qual texto mais marcou a sua carreira de tradutora?

Por ser o primeiro romance que traduzi, Dias de abandono, de Elena Ferrante. Mas como trabalho literário, eu diria tanto as cartas de Giuseppe Ungaretti a Bruna Bianco (que estudei e traduzi no meu doutorado, mas que ainda não conseguiram encontrar uma publicação no Brasil), como a antologia de poemas de Raúl Zurita organizada por mim e por Ana Rüsche e traduzida por mim a partir de uma longa antologia do autor, Tu vida rompiéndose. Até agora com certeza foi essa última empreitada a que mais me tocou, a

mais pessoal. Mas também sinto que há sempre uma nova tradução me olhando de esguelha, escondida em algum lugar, atrás de alguma esquina, e que será ela a minha grande tradução, a tradução da minha vida. É bom trabalhar mantendo esse sentido de porvir. Quem sabe eu possa depositar um pouco desta esperança no último romance de Elsa Morante, *Aracoeli*, que estou traduzindo durante minha pesquisa de pós-doutorado.

8. Você acredita ser a tradução uma forma de autoria?

Sem dúvida! Uma forma de autoria complexa por ser compartilhada e por ser a roupagem que traz o estrangeiro para a nossa língua, portanto carregando um peso atrelado à sua recepção. Claro que não basta que uma tradução seja boa ou excelente para que um livro seja bem recebido, mas o contrário também inviabiliza a vida de um livro, uma tradução ruim vai sempre atravancar a vida de um livro, mesmo com muitos recursos para divulgá-lo. Não há máquina de marketing que possa dar conta de emplacar um texto mal traduzido e mal editado. Gosto muito dos conceitos de Berman de “prova do estrangeiro” e “albergue do longínquo”, fico pensando que dentro desta ética, há também uma negociação que ocorre no âmbito do processo editorial. Quando se lida com uma tradução, são muitos os profissionais envolvidos e as decisões nunca são tomadas por uma só pessoa, ou pelo menos, raramente são tomadas sem discussão.

9. Segue algum método/modelo para traduzir?

Normalmente gosto de traduzir numa experiência imersiva, é claro que a vida exige que se façam pausas, depois que me tornei mãe então o ofício ficou cada vez mais fragmentado e sujeito a interrupções, mas tento traduzir com um certo fôlego, como se estivesse desempenhando uma tarefa que também é física. Não gosto de me afastar daquilo que estou traduzindo por muito tempo. Acabo criando um mundo ao meu redor que me remete à história, à vida do autor ou da autora e me acompanha no processo. Não é raro criar uma lista de músicas que são citadas nos livros ou simplesmente me remetem à narrativa, essa trilha sonora também me acompanha. Quando há referências geográficas, também me desdubro nas pesquisas, nas referências históricas, isso para mim é uma enorme diversão. Também gosto muito de observar com certo distanciamento os diálogos que surgem na minha cabeça quando tento, por exemplo, organizar como vou resolver questões de pontuação vertendo o texto para o português, ou mesmo quando me demoro nos dicionários da língua de partida para ter certeza que entendi o contexto, o peso daquela palavra naquele momento histórico. Então, há um método entre sentir-se habitada, ou possuída, pelo texto, e ao mesmo tempo manter um espírito lúdico e de pesquisa. Tenho sonhado com os Andes e com o deserto de Atacama desde que comecei a traduzir Raúl Zurita, mesmo com o livro entregue, muitas vezes ainda me pego passeando no google maps para observar os

montes que ele cita, entender o que daquela localização fronteiriça entre o Chile e a Argentina tem um peso não apenas geográfico mas também político na arquitetura do poema. Já citei Berman aqui, acho que no momento da prática não pensamos em soluções teóricas, mas somos habitados por certa teoria, certa ética que deve nortear nosso ofício. Afinal, há sempre tantos sinônimos para dizer algo e a escolha de uma simples palavra pode direcionar a intenção da tradução. Acho que como tradutora, tento imprimir na reescrita algo que a escritora, pesquisadora, poeta e tradutora argentina María Negroni propõe no ensaio *A arte do erro*: viver o exercício da tradução em movimentos: ler, exilar-se, transferir, ouvir, amar, criar e desmentir.

10. Você escolhe a(o)s autora(e)s que traduz?

Muitas vezes eu só escolho se aceitar ou não o que uma editora me propõe para traduzir, houve momentos que sequer escolhia muito, pois minha renda vinha majoritariamente dessas traduções. Espero ir mudando esse caminho e direcionando minha carreira mais para a vida acadêmica e continuar traduzindo obras que tenham um peso no campo dos estudos literários. Me sinto muito feliz pelo fato de a antologia de Raúl Zurita, mencionada acima, ter sido proposta por minha colega e amiga Ana Rüsche à editora Fósforo, para o selo *Círculo de Poemas* e, como ela sabia que eu já estudava e traduzia o poeta, que aliás era uma pai-

xão nossa em comum, não hesitou em me chamar para integrar o projeto, no qual ela participa com um texto crítico sobre o poeta e sua obra. Tenho proposto outros textos tanto teóricos do feminismo italiano, quanto literários, obras que estão em diálogo com meu campo de pesquisa e interesse, então espero receber alguma resposta positiva, alguma acolhida nesse novo ano.

11. Você dialoga com os autores vivos dos livros quando traduz?

Sempre que possível e necessário, converso com os autores que traduzo. Tive o privilégio de viver isso com Igiaba Scego e Claudia Durastanti, mas nem todo autor é tão próximo e tem este interesse, então respeito a distância imposta pelas regras do mercado editorial.

12. Ao traduzir, você conscientemente segue algum tipo de teoria?

Sinto que de alguma forma é impossível se desvencilhar da teoria. Para mim, a teoria chegou depois da prática, no sentido de que minha formação entre mundos e entre línguas, a construção do meu bilinguismo, também aconteceu operando alguma forma de tradução e interpretação. Eu me lembro de estar na quarta série do primário (na época era assim, talvez agora se diga ensino fundamental) e, enquanto apren-

dia italiano, eu anotava também as diferenças fonéticas entre o português e o italiano, não tinha a menor ideia do motivo que me levava a fazer isso, pois tinha só nove anos. Com os estudos na área da tradução, toda uma vivência visceral foi encontrando uma forma de existir junto ao pensamento teórico. E sinto que, ao sentar para traduzir um novo projeto literário, começo me informando muito bem sobre o autor, sobre o texto e seu contexto, se há alguma fortuna crítica, assim vou me documentando, numa busca que também determina as minhas escolhas. Talvez eu não pense nas balizas teóricas, mas sinto que é sempre preciso fazer uma escolha em relação ao quanto o texto carregará da cultura e da língua da qual partiu. Não quero dizer que penso em fazer um trabalho em que ‘estrangeirizo’ a língua de chegada, não, não é uma fórmula. Mas sempre penso que, por mais fluido que seja o texto em português, há marcas que podemos escolher manter ou não, trata-se de uma sintonia muito fina. Como traduzir sem achatar o texto, evitando ao mesmo tempo criar uma dificuldade e um estranhamento que não existem no texto de partida, mas deixando algumas marcas, algumas notas e até a escolha de uma palavra e não outra, tudo isso também vai informando o leitor. Talvez pensando em Schleiermacher e Venuti, vislumbro um território fronteiro e não dicotômico no qual não é só levar o autor ao leitor, nem o leitor ao autor. Isso fica ainda mais claro agora que traduzo do islandês a quatro mãos com Luciano Dutra: como é possível deixar algumas marca-

ções sem exotizar aquilo que é do outro? Nesse sentido acho que não há teoria nem fórmula pronta, há sim o trabalho de alinhar uma palavra atrás da outra, uma frase atrás da outra e depois olhar para o todo e ver como o texto foi se orquestrando nessa nova língua.

13. Qual o impacto do seu ofício de tradutora nas demais atividades que você desempenha?

A tradução tem um impacto muito profundo em todo o resto do meu trabalho, aliás nem só no trabalho, mas na vida em si, é como se estivesse ligada uma chavinha que não consigo mais desligar. Muitas vezes opto por assistir a filmes com legendas, mesmo conhecendo bem a língua em que é falado, só para olhar as legendas. Claro que o trabalho audiovisual obedece a uma técnica, a legendagem é um ofício complexo, ainda que haja algumas soluções para lá de questionáveis, traduções equívocas coladas no inglês, mas há também algumas de altíssima qualidade, com soluções bastante criativas. Como essa chave da tradução não desliga, ela acaba se derramando sobre a língua vernácula (e no meu caso há ainda a complicação do bilinguismo, então estou sempre vertendo pensamentos de um lado para outro, dependendo do contexto). Mesmo no ensino da literatura, ainda que falando em italiano com os alunos, de alguma forma a tradução às vezes se impõe, pois a recepção daquilo que se ensina é sempre através de um outro lugar, do onde estamos, da língua que nos

rodeia, então, acho que neste sentido é impossível não levar em conta a tradução.

14. No ensaio “Traduzir é o verdadeiro modo de ler um texto” (1982), Calvino chama a atenção para os problemas específicos da tradução de autores italianos, que segundo ele devem inventar antes de tudo a linguagem na qual escrevem, para depois elaborar a escrita propriamente dita. Dos autores que você traduziu, qual foi o mais desafiador no quesito linguagem? Por quê?

Esse ensaio do Calvino é muito interessante, e foi traduzido para o português por diferentes tradutores. Calvino fala da necessidade de os autores italianos inventarem uma linguagem na qual escrever, porque atribui um distanciamento entre a língua falada e a língua escrita: no italiano, diz o autor, é como se as frases ditas ficassem sempre suspensas, não concluídas. Acho que de alguma forma toda literatura inventa uma linguagem nova e há exemplos em tantas tradições, até mesmo emular a fala, na escrita, não deixa de ser uma invenção. No entanto, como nos lembra Calvino neste mesmo ensaio: “o drama da tradução é mais forte quando duas línguas são mais próximas”, e por isso às vezes é realmente dramático, não apenas traduzir mas ter que lidar com a preparação de um livro traduzido quando ocorre de quem está revisando a tradução não ter nenhuma vivência daquela língua de partida, não

manter a guarda contra os falsos cognatos... e assim esse ir e vir de um texto pode enlouquecer tanto o tradutor quanto o editor. Um dos livros mais difíceis de traduzir, para mim, foi um romance híbrido, pois incorpora muitos outros gêneros, um texto interessantíssimo que teve uma repercussão quase nula na sua recepção no Brasil. Trata-se do romance *Nascita e morte della massaia*, de Paola Masino, ou *Nascimento e morte da dona de casa* na minha tradução. Localizar a obra no tempo, antes de traduzi-la, requer entender qual era o contexto histórico e político no qual foi escrita, numa Itália ainda fascista e depois no pós-guerra, e também entender as variações linguísticas daquela época. O desafio foi ainda maior porque Paola Masino alternou uma narrativa romanesca comum com questões ensaísticas, com uma peça de teatro e até mesmo com trechos no gênero fantástico. Por isso, ao terminar a tarefa, senti que havia traduzido quatro livros num só volume. Por se tratar de uma tradução comercial, que portanto deveria vender exemplares, e não um mero estudo acadêmico, o grande desafio era manter algo daquela estranheza do original mas oferecendo um texto convidativo aos leitores brasileiros. Tive diversas trocas e alguns embates no processo de tradução, pois o livro estava sendo preparado com auxílio da edição norte-americana. Acho importante o uso de outras traduções do livro nessa fase de preparação e edição, é bom até para o tradutor, para entender como os seus colegas em outros países encontraram soluções para

certos problemas, ainda assim é imprescindível pensar que o português e o italiano são línguas mais próximas e que as decisões tomadas em inglês nem sempre soariam adequadas em português. Além disso, sabemos que a tradição norte-americana é muito mais fundada na domesticação do texto, qualquer vestígio do estrangeiro deve ser dobrado à tradição local, essa não é a estratégia editorial vigente no Brasil. Contudo, as escolhas podem ser negociadas e sinto que foi um processo muito importante para mim e para a editora, no qual crescemos ambas e tivemos a oportunidade de explicar nossas razões e escolhas. E aí eu acho que preciso trazer mais duas citações de Calvino, pois neste mesmo artigo ele diz: “um tradutor que não tem dúvidas, não pode ser um bom tradutor.”. De fato acho imprescindível sustentar a dúvida no processo de tradução, poder voltar atrás ao finalizar o trabalho, refazer alguns percursos enquanto revisamos o livro. O grande desafio é ter tempo para sustentar a dúvida num mundo cuja velocidade é frenética, no qual temos uma máquina a nos moer, a dita inteligência artificial que pode fazer nosso trabalho em tempo recorde. Mas será que pode mesmo? Acho que preciso trazer outros pontos desse texto do Calvino para cá, um deles é quando ele anota: “acredito firmemente na função das editoras”. Acho que há uma ética na forma de trabalhar de algumas editoras e isso é o que faz acontecer a beleza de um livro bom e bem traduzido, o trabalho é coletivo, uma tradutora nunca está sozinha. Se a tradutora ou o tradu-

tor estão sozinhos, se não recebem o texto preparado de volta ou mesmo antes de ir para gráfica, há algum problema, há uma falta de interação que é, no fundo, o que faz a beleza desse processo. Sinto que, conforme essa parceria vai amadurecendo, não faltam novas traduções para fazer e as relações vão se aprofundando entre os profissionais. Hoje em dia, posso dizer que tenho um xodó por algumas preparadoras com quem trabalho há anos e que esse convívio entre nossas palavras e olhares acabaram fundando uma amizade, da mesma forma que acontece com algumas editoras e editores. É um trabalho coral. Agora sem dúvida eu fico com o desfecho do texto do Calvino que é atemporal, e dei n xo aqui para as leitoras e leitores desta entrevista: “por mais que seja difícil traduzir os italianos, vale a pena fazê-lo, porque vivemos com o máximo de alegria possível, o tormento universal. Se o muito é cada dia mais insensato, a única coisa que podemos fazer é tentar dar a ele um estilo”.

15. O que você tem na sua gaveta? Quais são seus projetos?

Tirei da gaveta um grande projeto da minha vida, que já está nas livrarias: me refiro à antologia de poemas do poeta chileno Raúl Zurita, que eu vinha traduzindo desde 2015 e tinha o sonho de ver sua obra aqui no Brasil. Esse trabalho foi muito especial pois organizei o volume com uma grande amiga minha que

é também poeta e escritora, Ana Rüsche. O livro foi publicado pela Círculo de Poemas, da editora Fósforo. Dos engavetados dos quais posso falar, também há dois volumes de poesia islandesa que traduzi em parceria com Luciano Dutra: uma antologia da poeta Gerður Kristný, pela editora Aboio em coedição com a Sagarana forlag, e o primeiro livro de poemas de Soffía Bjarnardóttir, pela Piparote. São duas das minhas poetisas preferidas, contemporâneas e islandesas. Ainda falando na ilha do fogo e do gelo, há dois projetos de tradução de prosa que também divido com Luciano Dutra, um dos quais já foi publicado, é o romance *Os peixes também sabem cantar*, Halldór Laxness, Nobel de literatura de 1955, e em breve haverá um segundo romance dele traduzido por nós, *A estação atômica*, ambos pela editora Zain. Ainda na gaveta, além do término do meu projeto de pós-doutorado que é a tradução do último romance de Elsa Morante, há um livro autoral de poemas que comecei a escrever durante uma residência literária n'A Corunha, Galícia. Minha gaveta é uma dessas de fundo falso, pois não param de brotar projetos, às vezes é difícil ter tempo e recursos para realizá-los. Há dois livros que estão no meu horizonte mais longínquo, um romance e um livro de contos, ambos de escritoras islandesas já falecidas. Uma delas, Ásta Sigurðardóttir, autora do pós-guerra, uma figura extremamente interessante que estudei na faculdade lá na Islândia, a outra é uma romancista contemporânea, Halldóra Thoroddsen, cujo romance que quero traduzir

ganhou um importante prêmio europeu, ela estreou na literatura já mais velha, era poeta e também professora. Já os projetos no campo da literatura italiana são sempre presentes, pois se entrelaçam com meu percurso de pesquisadora. Adoro ter muitos projetos e muitas ideias, mesmo sabendo que não poderei realizar todos, esse desejo parece ser uma fonte inesgotável que me dá muita alegria e vontade de viver.

16. O que ainda precisa ser traduzido?

Há muito a ser traduzido, mas também retraduzido. Acho que a autora ítalo-somali Igiaba Scego abriu um campo muito interessante das literaturas pós-coloniais e decoloniais. Sinto que esse campo abre muito espaço para diálogos com as diásporas africanas no Brasil e vai também alargando o que é conhecido como campo de estudo da área de literatura italiana. Penso em Shirin Ramzanali Fazel, com seu *Lontano da Mogadiscio*, mas também em escritoras mais jovens, Cristina Ali Farah, Gabriella Ghermandi, além da geração ainda mais recente, escritoras filhas das ondas de migração mais recente, não necessariamente ligadas ao passado colonial italiano, como a escritora Nadeesha Uyangoda. Em geral me interessa muito pela literatura contemporânea produzida por mulheres na Itália, e há muitas autoras interessantes que deveriam ser traduzidas. Essa abertura de campo é algo que garante também a sobrevivência da nossa área de estudo, a cultura

popular vai contaminando e alastrando o desejo em novas gerações e pode ser uma ponte muito poderosa que depois deságua nos clássicos. Há bastante poesia contemporânea italiana traduzida no Brasil, talvez seria o momento de se realizar uma antologia, quem sabe? Sobre as retraduições, acho que temos aí o exemplo de um interesse que renasce por uma autora como Alba de Céspedes. Outra figura que é fascinante, para mim, é o ítalo-argentino Rodolfo Wilcock, me parece pouco traduzido também, ou pelo menos acho que encontrei mais edições portuguesas traduzidas. Tradução é uma questão de recorte. Acho que cada tradutor ou tradutora pode ir encontrando seu caminho nesse mar infinito de referências que temos à nossa disposição. Acho bonito o trabalho hercúleo feito pela tríade Maurício Santana Dias, Emanuel Brito e Pedro Heise, apresentando uma nova tradução da *Comédia*, é uma das coisas mais bonitas que vi nos últimos tempos. Esse desejo de fazer, essa junção entre colegas e o seguir adiante. Tudo isso me deixa muito animada, pois sinto que o que há para traduzir está tanto no porvir, ainda será escrito, quanto no passado. Desejo e recorte devem nortear a tradutora.

17. O que mais o atrai no ofício de tradutor?

Às vezes acho que tem um prazer um tanto sádico de ficar ali às voltas com as palavras, com as frases e ir fazendo o impossível, também tem algo de se

apropriar do outro e devolvê-lo com outra roupagem. A tradução dá a oportunidade de entrar num embate corporal e íntimo com uma obra, surgem muitas perguntas que vão apontando caminhos nos quais temos que fazer escolhas o tempo todo, esse embate é, muitas vezes, hercúleo, mas sempre extremamente prazeroso. Confesso que fico sempre muito feliz quando vejo que um livro que traduzi teve uma boa recepção, que a autora gostou da tradução e se sentiu muito bem representada com essa outra voz, é uma alegria maior do que publicar o próprio livro pois vem marcada pelo peso da responsabilidade de carregar as palavras do outro.

18. Como você enxerga o papel da tradução no cenário literário brasileiro contemporâneo?

Ao analisarmos os catálogos de editoras brasileiras, sejam grandes, médias ou independentes, observamos a prevalência de títulos estrangeiros traduzidos, sobretudo do mercado anglófono. Mesmo obras originalmente publicadas em outras línguas costumam chegar ao Brasil após serem validadas pelo universo da anglofonia. Um dos principais desafios contemporâneos, a meu ver, é o avanço desenfreado da inteligência artificial, o que é diferente do uso de ferramentas de auxílio à tradução (CAT tools). Trata-se de um terreno ainda mal regulamentado. Este ano, uma editora publicou seus dois primeiros livros traduzidos com auxílio

de IA e revisados por seus funcionários, conforme foi divulgado na imprensa. No entanto, desconhecemos quantos profissionais já utilizam essas ferramentas. Os contratos de tradução raramente abordam o tema, alguns vedam explicitamente o uso dessas tecnologias, enquanto outros simplesmente as ignoram. Enxergo dois caminhos paralelos: de um lado, há vasta produção de não-ficção e literatura de entretenimento, principalmente anglófona, onde o uso dessas ferramentas, embora não declarado, é perceptível. De outro, existe um mercado de tradução literária pautado pelo rigor na seleção dos tradutores e pelo cuidado com a qualidade das traduções e das edições. Se a tradução desempenha um papel importante na formação de leitores e também na renovação da literatura nacional, é urgente discutir como valorizar o profissional dessa área. Nesse contexto, penso no coletivo Quem Traduziu, do qual faço parte, fundado por tradutoras que combatem a invisibilidade da categoria, reivindicam remuneração justa e debatem os direitos autorais das traduções. Se a tradução é essencial no cenário literário e editorial brasileiro, os direitos e o reconhecimento de tradutores e tradutoras também devem ser assegurados. Acho que ainda não dimensionamos plenamente o impacto da IA em diversos setores deste mercado, especialmente na tradução, na produção e na edição de textos.

19. Como a sua escrita autoral influencia a sua prática de tradutora e vice-versa?

Comecei a traduzir muito antes de escrever textos autorais, nos quais não incluo por razões óbvias os diários escritos na adolescência. Talvez a tradução tenha sido a minha primeira verdadeira prática de criação literária. Não é exatamente a mesma coisa, é claro, mas foi o primeiro motor que destravou a minha criatividade mantendo um rigor e isso foi e tem sido uma grande escola para mim. De tanto traduzir, em algum momento, voltei a escrever, esse foi um movimento natural, era como se as ideias e as palavras e formas tivessem começado a brotar dentro de mim. Sempre escrevi poesia, porém, depois de tantos romances, acabei escrevendo um pequeno livro de prosa, agora esgotado, *Errância*, com crônicas de viagens, uma escrita quase diarística, que nascia entre um festival literário e outro do qual eu participava. Depois publiquei dois contos e dois ensaios literários, algo entre o conto e o ensaio. Tenho vontade de escrever um livro de contos, tenho ideias para romances, mas não tenho tido tempo para colocar tudo isso em prática, pois por agora a carreira acadêmica é a minha prioridade. Não tenho pressa nem aflição quanto a isso, estou segura com relação a essa vida paralela dentro de mim e sei que em algum momento haverá tempo para me dedicar a ela. Com a tradução de poesia, sinto um prazer bem específico e particular, pois a autoria da tradução é contaminada pela minha forma de escrever e pela minha leitura, penso ainda mais quando traduzo a poesia islandesa que é tão distante da nossa língua e traz imagens muito

distintas. Dito isso, são sempre traduções, recriações. Não são poemas meus. Talvez numa única circunstância eu tenha atravessado esta fronteira, recriando e traduzindo um poema de Ida Vitale, “Islândia 2000”. Mudei-me para Reykjavík em 2019 e traduzi o poema como “Islândia 2019”. A segunda parte do poema é uma tradução, mas a primeira parte é uma recriação sonora do jogo que a poeta faz trazendo as cores e os sabores do Brasil, esse poema está no meu livro mais recente, *Inventário*. Mas se tiver que pensar num fluxo de influência (fico aqui pensando na angústia da influência de Harold Bloom), certamente são alguns autores que traduzo que me influenciam, assim como as leituras que faço. Acabo de traduzir a antologia de Raúl Zurita e sigo impregnada daquela dicção e de suas imagens, isso ainda não escoou em forma de poesia autoral, mas sei que em algum momento acontecerá.

20. Existe alguma tradução que você gostaria de revisar ou retraduzir, por sentir que a sua perspectiva mudou com o tempo?

Gostaria de revisar *Minha casa é onde estou*, de Igiaba Scego, pois na época não consegui fazer o mesmo trabalho que fiz na tradução do romance mais recente da autora, *Cassandra em Mogadíscio*, ou seja, transliterar foneticamente os termos somalis. Esse foi um requisito da autora no romance mais recente e foi um trabalho árduo e interessante que fiz com o apoio

de uma pesquisadora somali em Londres, Fatima Jama, que conheci durante a fellowship que fiz no Institute of Languages Cultures and Societies da Universidade de Londres. Fatima é tradutora e intérprete da língua somali, tivemos vários encontros via zoom, trabalhei tanto com ela quanto com a própria Igiaba, depois com a editora, e assim fomos chegando a um resultado ideal para os leitores no Brasil. Gostaria muito de refazer esse trabalho também em *Minha casa é onde estou*.

21. Que conselho você daria aos tradutores(as) que estão começando agora?

Acho que fico com as duas palavras que apontei em algum lugar aqui acima. Recorte e desejo. Talvez invertidas: desejo e recorte. Já há muita coisa traduzida, mas há também muito a ser traduzido. É importante ter uma boa formação, não só acadêmica, mas ser uma leitora, um leitor, interessado pelas coisas e por diferentes aspectos do mundo e do existir. É preciso ter paciência e desejo. Quando digo recorte penso como um editor ou um autor: o que quero trazer para o mundo através das minhas traduções? É como se fizéssemos um exercício de curadoria. E aí vem a prática e a parceria, traduzir não se aprende só lendo teoria da tradução, traduzir se aprende traduzindo, como dirigir. Não basta ter uma carteira de habilitação. Como andar de bicicleta, como fazer sexo. Precisa fazer para sentir e aprender como as palavras se alinham, como o texto caminha.

Na tradução também é importante ter bons parceiros que sejam primeiros leitores, ter alguém com quem se aprende o ofício. Para mim foi fundamental frequentar algumas oficinas de criação literária e tradução na Casa das Rosas e na Casa Guilherme de Almeida nos idos de 2006-2011. Além disso, durante o meu doutorado, tive o privilégio de trabalhar com meu orientador, Maurício Santana Dias, que é também um excelente tradutor. Posso dizer que aprendi muitíssimo com ele, não somente nos retornos sobre minha pesquisa, sobre a tradução das cartas de Ungaretti, mas em especial quando ele me indicou para traduzir meu primeiro romance, *Dias de abandono*, de Elena Ferrante. A editora Ana Lima Cecílio também foi fundamental nesse momento, pois era minha primeira tradução literária a ser publicada por uma grande editora e ela foi anotando e me dando retornos para que eu aprendesse o ofício de forma guiada. Maurício também me ensinou a anotar sempre minhas escolhas para que pudesse sustentar minhas decisões e entender qual percurso havia me levado até ali. Então, acho que além do desejo e do recorte, um tradutor e uma tradutora iniciantes precisam estar bem acompanhados.

OBRAS TRADUZIDAS

LAXNESS, Halldór. *A estação atômica*. Tradução com Luciano Dutra. Belo Horizonte: Zain. [no prelo]

BJARNADÓTTIR, Soffía. *Eu estou aqui*. Tradução com Luciano Dutra. Franca: Piparote. [no prelo]

ALEMAGNA, Beatrice. *Sua alteza lamacenta: princesa do país do lodo*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2026

ALERAMO, Sibilla. *Uma mulher*. São Paulo: Todavia. [no prelo]

PESSOA, Fernando. *100 poesie*. Latiano: Interno Poesia. [no prelo]

LAHIRI, Jhumpa. *Em outras palavras*. São Paulo: Biblioteca Azul. [no prelo]

GINZBURG, Lisa. *Bom dia, meia-noite*. São Paulo: Nós. [no prelo]

MIAN, Marzio G. *Volga blues*. São Paulo: Todavia. [no prelo]

LAXNESS, Halldór. *Estação atômica*. Tradução com Luciano Dutra. Belo Horizonte: Zain. [no prelo]

KRISTNÝ, Gerður. *Notícias do gelo*. Tradução com Lu-

ciano Dutra. São Paulo: Aboio, 2026.

ZURITA, Raúl. *Sua vida quebrando-se. Antologia pessoal*. Seleção e organização de Ana Rüsche e Francesca Cricelli. São Paulo: Círculo de poemas, 2026

DE CÉSPEDES, Alba. *Antes e depois*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2026.

ANETCHOUM, Emanuela. *Café Tangerinn*. São Paulo: Biblioteca Azul; Globo Livros, 2025.

SCURATI, Antonio. *Fascismo e populismo: manifesto por um novo antifascismo*. São Paulo: Globo, 2025.

LAXNESS, Halldór. *Os peixes também sabem cantar*. Tradução com Luciano Dutra. Belo Horizonte: Zain, 2025.

BELTRAMINI, Micol Arianna. *Heartbreak Hotel*. Ilustrações de Agnese Innocente. São Paulo: Plataforma 21, 2025.

TUTI, Ilaria. *Flor de rocha*. Santo André: Rua do Sabão, 2025.

D'ADAMO, Ada. *Leve como ar*. São Paulo: Ainda, 2024.

SCEGO, Igiaba. *Cassandra em Mogadíscio*. São Paulo: Nós, 2024.

GINZBURG, Lisa. *Uma pluma escondida*. São Paulo: Nós, 2024.

GINZBURG, Lisa. *Cara paz*. São Paulo: Nós, 2023.

BORIO, Maria. *Do deserto vermelho*. Juiz de Fora: Edições Macondo, 2023. Coleção: La corte.

HELGASON, Gunnar. *Una mamma svitata*. Tradução do islandês coordenada por Silvia Cosimini. Crema: Uovonero, 2023.

MISSIROLI, Marco. *Fidelidade*. São Paulo: Biblioteca Azul, 2022.

AUCI, Stefania. *Os leões da Sicília. A saga dos Florio*. São Paulo: Harper Collins, 2021.

DURASTANTI, Claudia. *A estrangeira*. São Paulo: Todavia, 2021.

BARRIE, J.M. *Peter Pan*. Adapt. Carlo Scataglini. São Paulo: Ericksson/ftd, 2021.

MASINO, Paola. *Nascimento e morte da dona de casa*. São Paulo: Instante, 2021.

SCEGO, Igiaba. *Caminhando contra o vento*. São Paulo: Buzz e Nós, 2018.

SCEGO, Igiaba. *A minha casa é onde estou*. São Paulo: Nós, 2018.

SCEGO, Igiaba. *Adua*. São Paulo: Nós, 2018.

FERRANTE, Elena. *Dias de abandono*. São Paulo: Biblioteca Azul, 2016.

PERINE, Marcelo. *Platone non era malato*. Milano: Vita e pensiero, 2016.

BONAMINIO, Vincenzo. *Nas margens de mundos infinitos. A presença do analista e do analisando no espaço transicional em uma perspectiva contemporânea do pensamento de Winnicott*. Rio de Janeiro: Imago, 2015.

EXCERTOS DE TRADUÇÕES

Prosa

FERRANTE, Elena. *Dias de abandono*. São Paulo: Biblioteca Azul, 2016, p.124-125.

Ho memoria, pensai. Non sono di quelli che si dimenticano persino come si chiamano. Ricordo. Mi ricordai, infatti, dei due operai che avevano lavorato alla porta, l'anziano e il giovane. Chi era stato dei due a dirmi: attenta, signora, attenta a non forzare, attenta a come usa le chiavi, i congegni ah ah sono delicati. Avevano entrambi un'aria sorniona. Tutte quelle allusioni, la chiave in verticale, la chiave in orizzontale, meno male che sapevo il fatto mio, da sempre. Se dopo quello che mi aveva fatto Mario, dopo quell'oltraggio dell'abbandono preceduto da un lungo inganno, ero rimasta ancora io, persistente davanti al tumulto di quei mesi, io lì nel caldo, io ai primi d'agosto, e anzi resistevo, resistevo a tante sconnesse avversità, questo voleva dire che la cosa temuta fin da bambina – crescere e diventare come la poverella, ecco il timore che avevo covato per tre decenni – non era accaduta, stavo reagendo bene, benissimo, mi stringevo intorno le parti della mia vita, complimenti Olga, malgrado tutto non mi partivo da me.

Davanti alla porta blindata sostai un poco, come se avessi corso davvero. Va bene, chiederò aiuto a Carrano, anche se è stato lui ad avvelenare Otto. Non c'è

altro da fare, gli domanderò se posso usare il suo telefono. E se vorrà riprovare a prendermi la fica, a mettermelo nel culo, risponderò no, è passato il momento, sono qui solo perché nella mia casa c'è un'emergenza, non ti fare illusioni. Glielo dirò subito, in modo che non gli venga nemmeno in mente che sono tornata da lui per quelle cose lì. Persa l'occasione, non se ne danno altre. Se non c'è due senza tre, c'è uno senza due. Tanto più che quell'unica volta te lo sei menato da solo dentro il preservativo, stronzo.

*

Tenho memória, pensei. Não sou daqueles que esquecem até seu próprio nome. Lembro-me. Me lembrei, de fato, dos dois operários que trabalharam na porta de casa, o velho e o jovem. Qual dos dois me disse, cuidado senhora, não faça força, cuidado como usa a chave, os dispositivos são delicados. Ambos tinham ar de sonsos. Todas aquelas alusões, a chave na posição vertical, a chave na horizontal, ainda bem que eu sempre soube das minhas coisas. Se depois do que me fizera Mario, depois daquela afronta e abandono precedidos por um longo engano, permaneci ainda eu mesma, persistente diante do tumulto daqueles meses, eu ali no calor, nos primeiros dias de agosto, e aliás, eu resistia, resistia a tantas desconexas adversidades, desta vez queria dizer que a coisa que temia desde pequena — crescer e ficar como a pobre coitada, eis aqui

meu medo que tinha guardado por três décadas — não tinha acontecido, eu reagia bem, muito bem, agarrava perto de mim as partes da minha vida, parabéns Olga, apesar de tudo eu não fugia de mim mesma.

Diante da porta blindada parei um pouco, como se tivesse realmente corrido. Tudo bem, vou pedir ajuda a Carrano, mesmo tendo ele envenenado Otto. Não há mais nada a fazer, vou pedir para usar seu telefone. E se ele quiser tentar pegar minha boceta, ou metê-lo no cu, vou dizer não, passou o momento, estou aqui só porque há uma emergência na minha casa, não se iluda. Vou dizer imediatamente, de forma que nem passe por seu pensamento que voltei para ele por aquelas coisas lá. Perdida uma ocasião, não se oferecem outras. Se algo que acontece duas vezes também acontece três, então o que acontece uma só vez pode não acontecer mais. Ainda mais que naquela única vez você gozou sozinho na camisinha, filho da puta.

SCEGO, Igiaba. *Adua*. São Paulo: Nós, 2018, p. 11.

2. Paternale

Stai composta, Adua. Togli quei gomiti dal tavolo. E asciugati quella bocca sudicia. La schiena dritta, per Dio. Perché te ne stai tutta floscia? Hai le mani zozze, lavatele subito, se no ti bastono. È questo il modo di guardare tuo padre, Zoppe, screanzata? Sei come tua madre, Asha la Temeraria, quella poco di buono. Tua madre, quella troia, che è morta lasciandomi qui solo con il mio amore. Come si è permessa di morire? Eh? Come si è permessa? Maledetta femmina! E tu? Morirai pure tu? Hai gli stessi occhi suoi, non li sopporto! Ma vedi come ti aggiusto io. Con me non si scherza, si riga dritto, ragazza. Ora la musica è cambiata, non è come nella boscaglia, dove ti viziavano. E, se non ubbidisci, lo sai cosa ti succede, sì? Ecco, allora stai dritta con quella schiena e per carità non piagnucolare. Mi urti i timpani. Zitta. Ecco, stai zitta!

2. Sermão

Fica quieta, Adua. Tira esses cotovelos da mesa. E limpa essa boca suja. As costas retas, pelo amor de Deus. Por que você fica toda envergada? Está com as mãos sujas, lave-as imediatamente senão vai apanhar. Isso é jeito de olhar para o seu pai, Zoppe, sua malcriada? Você é como sua mãe, Asha, a Temerária, aquela safada. Sua mãe, aquela puta, que morreu deixando-me aqui sozinho com o meu amor. Como ousou morrer? Hein? Como ousou? Mulher maldita! E você? Você também vai morrer? Você tem os olhos iguais aos dela, não os suporto! Mas vai ver como eu vou endireitar você. Não estou de brincadeira, tem que andar na linha, mocinha. A música agora mudou, não é como no matagal, quando mimavam você. E, se você não obedecer, sabe bem o que vai acontecer, não sabe? Pronto, então fique com essas costas retas e por favor não choramingue. Isso me destrói os tímpanos. Quieta. Isso, fique quieta!”

SCEGO, Igiaba. *A minha casa é onde estou*. São Paulo: Nós, 2018, p. 26-28.

"È la tua città, zia Igiaba?"

Non sapevo cosa rispondere. La domanda era improvvisa. Inaspettata. Contropiede. Non riuscivo a rientrare nella mia metà campo. Imbarazzo.

Mia madre scosse la testa.

Stava riflettendo.

"Non basta" mi disse quasi brontolando.

"Cosa?"

"Questo" e indicò un punto tra lei e l'orizzonte.

"Questo cosa?" chiesi allora un po' stizzita.

"Maabka, la mappa" le sue parole erano mischiate, lingua madre e italiano. "Non basta per fare la tua città."

"No? Davvero?" non sapevo dire se la mia era una domanda o un'affermazione.

"Decisamente no. Quella sulla mappa non è la tua città. Non puoi mentire al bambino."

"Non voglio mentire al bambino. Non potrei mai. Ma..."

"Ma...?"

"..."

"Diciamo che lo è in un certo senso. Ma allo stesso tempo non lo è. Capisci, figlia?" e mi accarezzò dolcemente la testa.

"É a sua cidade, tia Igiaba?"

Eu não sabia o que responder. A pergunta era repentina. Inesperada. Um contra-ataque. Eu não conseguia voltar para meu meio-campo. Embaralho.

Minha mãe balançou a cabeça.

Refletia.

"Não basta" disse quase resmungando.

"O quê?"

"Isso", respondeu, indicando um ponto entre ela e o horizonte.

"Isso o quê?" perguntei então, um pouco irritada.

"Maabka, o mapa", suas palavras misturavam-se, língua materna e italiano. "Não basta para tornar sua aquela cidade."

"Não? De verdade?" Eu não sabia se estava fazendo uma pergunta ou uma afirmação.

"Claro que não. Aquela no mapa não é a sua cidade. Não pode mentir para a criança."

"Não quero mentir para a criança. Não poderia nunca. Mas..."

"Mas...?"

"..."

"Digamos que é minha de certa forma. Mas tam-

Ancora oggi non so se capii bene le sue parole. Il mio volto era diventato un punto di domanda sospeso nel vuoto.

È la mia città?

Non lo è?

Ero a un crocevia.

Mamma disse altre parole. Non le afferrai tutte. Mi ero distratta. Ma l'ultima frase era un pugno in pieno volto. Un ko da cui non sapevo se sarei riuscita a rialzarmi. Anzi, in quel momento non volevo rialzarmi. Mamma con la dolcezza solita però mi aveva spronato. Mi aveva colpito duro, lo sapeva. Ma il suo intento non era quello di distruggermi o umiliarmi. Mi aveva colpito perché non poteva fare altrimenti. Voleva che io mi svegliassi, che cominciassi veramente a vivere.

"Devi completare la mappa. Manchi tu lì dentro." Io non riuscii a reagire.

In me era nata una voglia bastarda di mollare. Avrei voluto tanto indugiare nel mio ko. Non alzarmi. Tergiversare. Meglio stare stesa, finita, sconfitta.

Vegetare.

Meglio?

Qualcosa in fondo alla mia coscienza urlò.

bém não é. Entende, filha?”, ela disse, e depois acariciou-me docemente a cabeça.

Ainda hoje não sei se entendi direito aquelas palavras. Meu rosto se transformou num ponto de interrogação suspenso no vazio.

É a minha cidade?

Ou não é?

Eu estava numa encruzilhada.

Mamãe também disse outras palavras. Não captei todas. Havia ficado distraída. Mas a última frase era um soco na cara. Um nocaute do qual não sei se conseguiria me levantar novamente.

Aliás, naquele momento, eu não queria levantar. Mamãe, com a doçura de sempre, havia me provocado. Me aplicara um golpe duro, e sabia bem. Mas sua intenção não era me destruir ou me humilhar. Tinha me acossado porque não sabia fazer de outro jeito. Queria que eu acordasse, que começasse realmente a viver.

“Você precisa terminar o mapa. Falta você lá dentro.” Eu não consegui reagir.

Nascia em mim uma baita vontade de desistir. Queria tanto continuar naquele nocaute. Não levantar. Tergiversar. Era melhor ficar estendida, acabada, derrotada.

Vegetar.

Melhor?

Algo, no fundo da minha consciência, gritou.

MASINO, Paola. *Nascimento e morte da dona de casa*. São Paulo: Instante, 2021, p. 13-15.

Da bambina la massaia era polverosa e sonnolenta. La madre s'era dimenticata di educarla e ora gliene serbava rancore. Le ripeteva:

“Che farai quando io non sarò più? Verrà il giorno in cui m'avrai fatta morire di crepacuore; voglio vedere, allora, come te la sbrigherai da sola nella vita”.

La bambina taceva, piena di cruccio contro se stessa, destinata a tutti i costi a far morire sua madre di crepacuore. Ossessa da quell'idea cercava in quanti libri o giornali le capitavano in mano casi di morte per afflizione. Ma non ne trovava o erano rarissimi e questo la piombava in una ancor più smarrita accettazione del fato che la faceva personaggio, esempio crudele. Tutta compresa nell'idea di non poter ormai che perfezionarsi almeno in quella triste parte di figlia assassina, s'era già fatta avara di ogni altro pensiero e movimento. Distesa in un baule che le fungeva da armadio, letto, credenza, tavola e stanza, pieno di brandelli di coperte, di tozzi di pane, di libri e relitti di funerali (quali fiori di latta di una corona, borchie di bare, veli di vedove, nastri bianchi con su scritto in oro: AL CARO ANGIOLETTA, eccetera), la bambina andava quotidianamente catalogando pensieri di morte. Pensava e si mangiava le unghie; finite le unghie e i pensieri, masticava tozzi di pane e sfogliava libri in cerca di altro nutrimento.

Quando criança, a dona de casa era empoeirada e sonolenta. Sua mãe se esquecera de educá-la e agora nutria rancor por ela. Repetia-lhe: “O que você fará quando eu não estiver mais aqui? Chegará o dia em que me matará de desgosto; quero ver, então, como é que vai se virar na vida”.

A garotinha permanecia em silêncio, ressentida consigo mesma, sentia-se destinada, a todo custo, a matar a mãe de desgosto. Obcecada por aquela ideia, procurava em todos os livros e jornais que passavam por suas mãos casos de morte por aflição. Mas não encontrava nenhum, ou eram raríssimos, e isso a arremessava, ainda mais perdida, na aceitação do fato que a tornava uma personagem, um exemplo cruel. Imersa na ideia de não poder fazer nada mais além de se aperfeiçoar naquele papel triste de filha e assassina, já tinha se despedido de qualquer outro pensamento e movimento. Deitada num baú que tinha função de armário, cama, cristaleira, mesa e quarto, cheio de retalhos de cobertores, de migalhas de pão, de livros e detritos de funerais (como flores de alumínio de uma coroa, pregos de caixão, véus de viúvas, fitas brancas com a frase AO QUERIDO ANJINHO escrita em letras douradas etc.), todos os dias a garotinha catalogava pensamentos de morte. Pensava e roía as unhas; ao terminar as unhas e os pensamentos, mastigava os pedaços de pão e folheava livros em busca de outra nutrição.

Caía sobre ela a poeira do teto e se juntava como

Su lei cadeva la polvere dei soffitti e le si ammucchiava in forfora sul capo, molliche e residui di carte le entravano sotto le unghie, muschio nasceva tra le fessure del baule; e le coperte, nelle quali a volta a volta si avvolgeva per provare le parti del re che sarà decapitato o dell'assassino fatale, erano impastate di muffa e di tele di ragni. Dal baule esalava un odore di selva e rovine entro cui la bambina si formava. Non ebbe mai pensieri di indulgenza verso gli altri o se stessa. Mai si ribellò a quell'idea di far morire la mamma di crepacuore. Aveva una idea di necessità superiore e indiscutibile, anzi in realtà era lei che non s'interessava a discuterla, quello che a lei importava era scoprirne le cause e gli effetti. Per la stessa indifferenza la bambina non si era resa conto che se il suo corpo era carne come quella esposta sui banchi dei mercati o appesa nei negozi dei macellai, lei tuttavia vi portava nascosti un pensiero e un sesso che erano la sua ragione. Ma la bambina ignorava il pensiero, vi stava dentro; così le alghe ignorano il mare, gli uccelli il cielo. Non una volta ancora la bambina aveva, dal di fuori, presa un'idea e maneggiato contro la vita. Stava quatta, ignara di se medesima, un vero grumo di pensiero, senza la minima intelligenza. Così girovagando in quella funebre selva di fantasie che si era andata suscitando intorno, aveva inventato la violenza, la tortura, il suicidio. Dall'incendio e dall'alluvione, imparati chi sa dove, si era creata le estasi e i figli. Viveva ormai di quel sesso ignoto che la intontiva. Nasceva da lei un odore forte che la portava a

caspa sobre seu cabelo; miolo de pão e resíduos de papel entravam sob as unhas; musgo nascia entre as fissuras do baú; e os cobertores, nos quais de vez em quando se envolvia para ensaiar o papel do rei que será decapitado ou do assassino fatal, estavam cobertos de mofo e de teias de aranha. O baú exalava um cheiro de selva e ruína, e, dentro dele, a garotinha se formava. Nunca teve pensamentos indulgentes em relação aos outros ou a si mesma. Nunca se rebelou contra a ideia de fazer sua mãe morrer de desgosto. Tinha uma ideia da necessidade como algo superior e indiscutível; aliás, na verdade, era ela quem não se interessava em discutir tal noção, só se importava com descobrir as causas e os efeitos. Devido à mesma indiferença, a garotinha nunca tinha se dado conta de que seu corpo era de carne, como aquela exposta nas bancadas dos mercados ou pendurada nas vitrines dos açougues, contudo, ela carregava, ocultos, um pensamento e um sexo que eram sua razão. Mas a garotinha ignorava o pensamento, estava dentro dele; assim como as algas ignoram o mar, os pássaros, o céu. A garotinha nunca havia capturado uma ideia, do lado de fora, e empunhado contra a vida. Ficava encolhida, sem saber de si, um verdadeiro emaranhado de pensamento, sem a mínima inteligência. Então, dando voltas por aquela fúnebre selva de fantasias que ia suscitando a seu redor, inventou a violência, a tortura, o suicídio. Do incêndio à enchente, aprendidos sabe-se lá onde, criou para si mesma os êxtases e os filhos. Nessa altura, vivia daquele sexo

cantare salmi, quasi fosse avvolta in un incenso, cantava il proprio immaginare e andava allenandosi a un sistema raffinatissimo di sensazioni che le preparavano sconsolate delusioni: appena ne sarà uscita, come le accadde più tardi, la spingeranno a un'eroica idiozia. Dal martirio carnale scivolava in immagini di morte, benché fosse disturbata dalle nozioni quotidiane che gliene dava la famiglia. "Dolore è quando ti do uno schiaffo, morte quando in corteo ti portano al Camposanto." Lei era attratta verso la morte come a una vetta, a un volo.

desconhecido que a entorpecia. Nascia dela um cheiro forte que a levava a entoar salmos, quase como se estivesse envolta por incenso, cantava a própria imaginação e se exercitava num sistema refinadíssimo de sensações que lhe conferiam amargas decepções: tão logo saísse, como ocorreu mais tarde, seria empurrada para uma idiotice heroica. Escorregava do martírio carnal para imagens de morte, ainda que se sentisse perturbada pelas noções cotidianas que lhe eram dadas pela família. “Dor é quando lhe dou um tapa, morte quando um cortejo a conduz ao cemitério.” Ela se sentia atraída pela morte como se para o topo, para um voo.

DURASTANTI, Claudia. *A estrangeira*. São Paulo: Todavia, 2021, p. 25-26.

Glass Bottle Beach a Dead Horse Bay è piena di scarpe divelte, latte di detersivi fuori mercato e bottiglie rotte; pare ci siano anche ossa di cavallo, ma io non ne ho mai trovate. Ogni tanto mi sono imbattuta in qualche coppia intenta a scegliere i resti più strani per costruire degli acchiappasogni da appendere in giardino, coppie che si spintonavano a vicenda e poi lanciavano i pezzi di vetro incrostato nell'acqua, prendendo in giro la propria mancanza di gusto. Sulla spiaggia ci sono barche tirate in secca ridipinte da qualche artista che ha lasciato messaggi che parlano di pace o apocalisse, nient'altro, nessuna dedica d'amore privata, e sugli alberi che perdono pezzi di corteccia anche solo se li sfiori, lasciando le dita macchiate di crisalide e di sale, ci sono bandiere americane dai colori arrugginiti e ormai sbagliati.

È un posto incantato e solitario, pieno di avvoltoi dei rifiuti, eppure nessun museo dedicato agli immigrati mi ricorda la mia famiglia come questo cimitero di vetro a Brooklyn. I miei nonni hanno cercato di mettere radici in una palude e hanno cambiato funzione e aspirazione ogni volta che l'America glielo ha chiesto, solo per trovare una specie di calma nella perdita accidentale degli oggetti che avevano portato con loro, oggetti dalle marche che non avevano più un'aderenza con la realtà e neanche un valore affettivo all'interno di una famiglia che si diceva sempre nuova mentre la sua liscivia euforica e triste veniva a galla, come se fosse una discarica riqualificata.

A Glass Bottle Beach em Dead Horse Bay está repleta de sapatos avulsos, de espuma leitosa de detergentes fora de linha e garrafas quebradas; parece que também há ossos de cavalo, mas nunca encontrei nenhum. De vez em quando, me deparava com casais que escolhiam com toda a atenção os restos mais estranhos para construir apanhadores de sonho, que penduravam no jardim, casais que se empurravam e depois lançavam pedaços de vidro na água, caçoando do próprio mau gosto. Há barcos no baixio da praia pintados por algum artista que deixou mensagens falando de paz ou do apocalipse, nada mais, nenhuma dedicatória pessoal de amor, e sobre as árvores que perdem pedaços da casca mesmo que você as toque de leve, deixando os dedos manchados de crisálidas e sal, há bandeiras americanas com cores enferrujadas e, portanto, erradas.

É um lugar encantado e solitário, repleto de urubus de lixão, no entanto, nenhum museu da imigração me lembra a minha família como esse cemitério de vidro localizado no Brooklyn. Meus avós tentaram fincar raízes num pântano e mudaram de profissão e sonhos toda vez que os Estados Unidos lhes pediam, apenas para encontrar uma espécie de sossego na perda accidental dos objetos que haviam trazido consigo, objetos cujas marcas já não guardavam aderência com a realidade nem sequer tinham qualquer valor afetivo para uma família que se dizia sempre nova enquanto demonstrava sua eufórica e triste lixívia, como se fosse um aterro sanitário reconstruído.

D'ADAMO, Ada. *Leve como ar*. Tradução de Francesca Cricelli.

São Paulo: Todavia, 2024, p. 38.

La pediatra dice che nei primi mesi devo considerarti una neonata come tutti gli altri: una frase rassicurante e apparentemente innocua, banale, sulla cui superficialità non smetterò mai di recriminare. Come si può dire una cosa tanto sbagliata alla madre di un bambino con una malformazione cerebrale? Come si può approfittare della propria autorevolezza di medico e, così facendo, instillare in una donna il seme di un senso di colpa che nei giorni e nei mesi successivi le crescerà nel petto come una mala pianta fino a soffocarla? Quando – molto presto – cominceranno i pianti e le urla, le notti interminabili, le lunghe ore su e giù per il corridoio, quella madre si convincerà che è normale, che tutti i neonati piangono, si rimprovererà di non avere abbastanza pazienza, si convincerà di essere lei quella sbagliata. Perché, in quell'occasione, non pronunciare almeno una parola sull'eventualità di crisi epilettiche, di reflusso gastroesofageo, di disfagia, di insonnia... solo alcune delle molte patologie connesse con l'HPE? Forse avrebbe giovato, forse avrebbe risparmiato mesi di un inferno quotidiano impossibile da raccontare a parole. No, non sono capace di dire quel dolore mio, e al tuo non oso neanche pensare. Mi salva l'illusione che tu non ne conservi il ricordo.

A pediatra diz que nos primeiros meses é preciso considerar você uma recém-nascida como todas as outras: uma frase tranquilizadora e aparentemente inofensiva, banal, de cuja superficialidade nunca deixarei de me queixar. Como é possível dizer algo tão equivocado à mãe de uma criança com uma malformação cerebral? Como alguém pode tirar proveito da sua autoridade e, ao fazê-lo, incutir numa mulher a semente de um sentimento de culpa que, nos próximos dias e meses, crescerá no seu peito como uma erva daninha até sufocá-la? Quando — muito em breve — começarem o choro e os gritos, as noites intermináveis, as longas horas no corredor, essa mãe se convencerá de que isso é normal, que todos os bebês choram, ela se recriminará por não ter paciência o suficiente, se convencerá de que é ela quem está errada. Por que, nessa ocasião, não falar pelo menos uma palavra sobre a possibilidade de ataques epiléticos, refluxo gastroesofágico, disfagia, insônia... algumas das muitas patologias ligadas à HPE? Talvez isso ajudasse, talvez tivesse me poupado meses de um inferno diário impossível de expressar em palavras. Não, sou incapaz de falar dessa minha dor, e nem me atrevo a pensar na sua. Sou salva pela ilusão de que você não tem lembranças desse sofrimento.

Poi la mia attenzione viene rapita da un piccolo oggetto, un pettine che la ragazza si sta passando tra i capelli. È un pettine in legno, un afro comb per districare i ricci. Ma non uno di quelli in plastica che si trovano in commercio oggi. È un pettine in legno lavorato fin nei minimi dettagli. Vedo l'intarsio che l'artigiano ha scalpellato con cura. E dalla gola mi sale un urlo che reprimo. Poi punto il dito sul quadro. Voglio attirare l'attenzione di tutti verso quel dettaglio. Quel pettine che apre porte che non immaginavo esistere.

Faccio un viaggio nel tempo. Improvvisamente mi ritrovo rimpicciolita e con hooyo in piedi alle mie spalle che mi pettina. Io sono una bambina, mia madre una giovane donna. Siamo alla pensione della Balduina in cui vivevamo io, lei e aabo. Insieme, stretti. Hooyo affonda un pettine di legno nei miei capelli afro. Cerca di districare quella tenera pecora che ho in testa. Divide la mia chioma in ciocche che da adulta non ho più avuto, perché ho sempre tagliato tutto, e poi comincia a intrecciare finemente un riccio con il suo vicino. Il risultato è una marea di treccine piccole e sottili. Io ho il pettine in mano. Ne accarezzo i bordi. E mi beo di quella bellezza che a mia insaputa durerà poco.

Depois, minha atenção é tomada por um pequeno objeto, um pente que uma garota está passando nos cabelos. É um pente de madeira, um *afro comb* para desembaraçar os cachos. Mas não é um daqueles de plástico que se encontram hoje em dia. É um pente de madeira trabalhado nos mínimos detalhes. Vejo a marchetaria que o artesão esculpiu com cuidado. E pela garganta sobe um grito que eu reprimo. Depois aponto para o quadro. Quero chamar a atenção de todos para aquele detalhe. Aquele pente que abre portas que eu não imaginava que existissem.

Faço uma viagem no tempo. De repente, vejo-me pequena e com a *roiô* de pé, atrás de mim, ela está me penteando. Sou uma garotinha, minha mãe, uma mulher jovem. Estamos na pensão em Balduina na qual vivíamos eu, ela e o *âbo*. Juntos, apertados. A *roiô* afunda o pente de madeira nos meus cabelos afro. Tenta desembaraçar aquela ovelha macia que tenho na cabeça. Divide minha cabeleira em mechas que nunca mais tive na vida adulta, porque sempre cortei tudo, e depois começa a trançar finalmente um cacho com seu vizinho. O resultado é um monte de trancinhas pequenas e finas. Estou com o pente nas mãos. Acaricio suas bordas. E aprecio essa beleza que sem perceber durará por pouco.

Oggi in Somalia quei pettini non si fanno più. Gli artigiani si sono sparpagliati per il mondo. E la guerra ha inghiottito i saperi antichi. Quello che le mani dei somali sapevano produrre, dai gioielli d'oro di Afaridood ai gember di legno che venivano venduti in riva al mare, è volato via. Ora la Somalia è piena di plastica made in China, made in Europe. Plastica aliena che sta soffocando gli alberi e inquinando i fiumi. Plastica che non fa vivere.

Guardo quel pettine con sgomento crescente. Il Jirro è questo, Soraya. Un pettine che non sappiamo più usare, costruire, inventare. Una parte di noi, delle conoscenze degli antenati, che non abbiamo salvato dalla furia che ci ha travolti.

Hoje, na Somália, já não existem esses pentes. Os artesãos se dispersaram pelo mundo. E a guerra engoliu os antigos conhecimentos. O que as mãos dos somalis sabiam produzir, desde joias de ouro do Afaridood até os *gember* de madeira vendidos à beira mar, tudo se evaporou. Agora a Somália está cheia de plástico *made in China, made in Europe*. Plástico estrangeiro que sufoca as árvores e polui os rios. Plástico que não deixa viver.

Olho para o pente com uma consternação crescente. O *Djiro* é isso, Soraya. Um pente que não sabemos mais usar, construir, inventar. Uma parte de nós, dos conhecimentos dos nossos ancestrais, que não conseguimos salvar da fúria que nos atropelou.

LAXNESS, Halldór. Os peixes também sabem cantar. Tradução
com Luciano Dutra. Belo Horizonte: Zain, 2025, p. 7-8.

Fyrsti kapítuli
Merkilegt kvikindi

Vitur maður hefur sagt að næst því að missa móður sína sé fátt hollara úngum börnum en missa föður sinn. Þó því fari fjarri að ég taki undir þessi orð að öllu leyti, þá sæti síst á mér að fara að bera á móti þeim, beint. Sjálfur mundi ég orða kenningu þessa án kala úti heiminn, eða kanski öllu heldur, án þess sviða sem felst í orðunum eftir hljóðan þeirra.

En hversu sem mönnum kann að þykja um þessa skoðun, þá kom það nú sumsé í minn hlut að standa uppi utan foreldri hér í heimi. Ég vil ekki kalla það lán mitt, slíkt væri ofdjúpt tekið í árinni. En óhapp get ég ekki kallað það, að minstakosti ekki að því mig sjálfan varðar; og það var af því að ég eignaðist afa og ömmu. Hitt mætti til sanns vegar færa að óhappið hafi verið mest fyrir föður minn og móður, þó ekki vegna þess ég mundi hafa orðið þeim neinn fyrirmyndarsonur, öðru nær; heldur vegna hins að börn eru nú einusinni þarfari foreldrum en foreldrar börnum; en það er annað mál.

Til þess að gera nú lánga sögu stutta, þá er þar til máls að taka að sunnanvið kirkjugarðinn í höfuðstaðnum okkar tilvonandi, þar sem brekkan fer að lækka við syðri tjarnarendann, alveg á blettinum þar sem hann Guðmundur Guðmúnsen sonur hans Jóns Guðmund-

Um bicho estranho

Um sábio afirmou que, excetuando a perda da mãe, não há nada melhor para uma criança do que perder o pai. Longe de mim endossar por completo essa afirmação, mas tampouco ousaria refutá-la de maneira cabal. Pela parte que me toca, eu formularia essa hipótese isento de qualquer ressentimento com relação ao mundo; ou antes, talvez, sem a mágoa que o mero som dessas palavras comporta.

Contudo, independentemente do que as pessoas acham, tocou a mim me criar neste mundo sem pai nem mãe. Não chego a ponto de dizer que isso foi minha bênção, pois seria um exagero. Porém, tampouco posso dizer que foi uma maldição, ao menos não no que me diz respeito, porque eu tive um avô e uma avó. A bem da verdade, não seria descabido afirmar que a maldição maior coube ao meu pai e à minha mãe, não porque com o tempo eu me revelasse um filho exemplar, pelo contrário, mas sim porque os filhos são de fato mais necessários aos pais do que os pais aos filhos. Mas essa é outra história.

Para encurtar e ir logo ao assunto, era uma vez, ao sul do cemitério da nossa futura capital Reykjavík, lá onde a encosta começa a baixar em direção ao extremo meridional do lago, mais exatamente no terreno onde Guðmundur Gudmunsen, filho de Jón Guðmundsson, dono do Empório Gudmunsen, mais tarde mandou

ssonar í Gúðmúnsensbúð reisti loks veglegt hús, þar stóð einusinni lítill torfbær með tveim burstum; og þilin tvö vissu suðrað tjörninni. Þessi litli bær hét í Brekkukoti. Í þessum bæ átti hann afi minn heima, hann Björn sálugi í Brekkukoti sem veiddi stundum hrokkelsin á vorin, og hjá honum sú kona sem hefur staðið nær mér en flestar konur þó ég vissi færra um hana, hún amma mín. Þetta litla moldarhús var ókeypis gistisherbergi handa hverjum sem hafa vildi. Í það mund sem ég var að verða til, þá var þar í kotinu mikil örtröð af því fólki sem nú á dögum heitir flóttamenn; það er að flýa land; það leggur á stað með tárur úr heimkynnum sínum og ættbygð af því svo illa er að því búið heima fyrir að börn þess ná ekki þroska heldur deya.

construir um sobrado suntuoso, era uma vez ali um casebre de turfa com dois frontões cujas empenas davam para a margem sul do lago. O lugar era conhecido pelo nome de Brekkukot, isto é, "A Encosta". Lá vivia meu avô, o finado Björn de Brekkukot, que costumava pescar peixe-lapa na primavera, e com ele a mulher que foi mais próxima de mim do que a maioria das mulheres, apesar de eu saber pouca coisa a respeito dela: minha avó. Aquele tugúrio de turfa era albergue gratuito para quem quisesse. Na época em que eu vim ao mundo, o casebre estava sempre abarrotado de pessoas hoje chamadas de refugiados, ou seja, pessoas que deixaram sua terra, partindo do seu torrão e lar aos prantos, porque as condições de vida ali são tão precárias que seus filhos morrem antes de crescer.

DE CÉSPEDES, Alba. *Antes e depois*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2026, p. 13

Quando Erminia entrò nel mio studio, col vassoio del desinare, subito intuì che doveva dirmi qualcosa di spiacevole: aveva lo stesso atteggiamento compunto che assumeva nel presentarmi la bolletta dell'energia elettrica. Ma, poiché non parlava, incominciai a temere che uno dei suoi familiari fosse malato ed ella dovesse tornare al paese. Non osavo interrogarla; le dissi, come di solito: "Siediti, così chiacchieriamo". Erminia, i primi tempi, non osava sedersi; poi, comprendendo che mi faceva piacere scambiare qualche parola mentre mangiavo, era giunta a un compromesso: sedeva sul bracciolo di una poltrona. Io le dicevo: "Indovina un po' chi ho incontrato?" oppure: "Sai che cosa è successo alla signora Adriana?". Così, a poco a poco, le avevo raccontato tutto di me, del mio lavoro, delle mie amicizie, e ormai sapeva perfino quanto danaro avevo in tasca, quanto contavo, o speravo, d'incassarne. Mentre parlavo ella mi avvolgeva in uno sguardo tenero; capivo che mi voleva bene, anzi, che mi amava, e mi sentivo protetta, benché lei avesse ventitré anni e io trentacinque. Ma quel giorno, vedendola rimanere in piedi, mi convinsi che i miei timori erano fondati. Infatti poco dopo mormorò: "Non ho coraggio di dirle una cosa". Volevo ancora sperare che si trattasse di un oggetto rotto, di una blusa avvampata nello stiro; eppure fui io stessa a chiederle in tono scherzoso: "Che c'è? Vuoi licenziarti?". Lei annuì, guardandomi con occhi disperati. Poi disse che tornava dalla signora Pasinotti.

Quando Erminia entrou em meu escritório com a bandeja do almoço, intuí de imediato que tinha de me dizer algo desagradável: tinha o mesmo comportamento pesaroso que assumia quando me apresentava a conta de luz. Porém, como ela não falava, comecei a temer que um dos seus parentes estivesse doente e ela precisasse voltar para sua cidade. Não ousava interrogá-la; disse-lhe como sempre: "Sente aqui, assim conversamos." Erminia, no começo, não ousava sentar-se; depois, ao entender que era um prazer para mim jogar conversa fora enquanto eu comia, chegara a um meio-termo: sentava-se no braço de uma poltrona. Eu lhe dizia: "Adivinha quem eu encontrei?" ou: "Sabe o que aconteceu com a senhora Adriana?" Assim, aos poucos, contara-lhe tudo a respeito de mim, do meu trabalho, das minhas amizades, e, àquela altura, ela sabia até quanto dinheiro eu tinha no bolso, com quanto eu contava ou esperava ganhar. Enquanto eu falava, ela me envolvia num olhar tenro; eu entendia que gostava de mim, aliás, que me amava, sentia-me protegida, ainda que ela tivesse vinte e três anos e eu trinta e cinco. Mas, naquele dia, ao vê-la continuar de pé, convenci-me de que meus medos tinham fundamento. De fato, pouco depois ela murmurou: "Não tenho coragem de lhe dizer uma coisa." Eu queria ter a esperança de que se tratasse de um objeto quebrado, de uma blusa queimada ao ser passada, contudo eu mesma lhe perguntei em tom jocoso: "O que foi? Você quer pedir as contas?" Ela assentiu com a cabeça, fitando-me com um olhar desesperado. Depois disse que voltaria a trabalhar com a senhora Pasinotti.

BORIO, Maria. *Do deserto vermelho*. Editora: Juiz de Fora: Edições Macondo, Coleção: La corte, 2023, p. 6-7 e 10-11.

Sono un punto solo nel deserto rosso:
oggi è questa la mia dimensione, un punto
che non ha lunghezza, larghezza, profondità,
caduto dalla parte più alta del cielo su una terra
piena di silenzio e pura improvvisamente.
Ti scrivo da una zona rossa, ed è questa la verità:
i confini sono tracciati, il rosso ha riempito lo spazio,
vuoto, neutro, senza uscita, e tutti sono come me,
punti soli, senza illusione, nella prima primavera
del millennio che al tempo sta cambiando la faccia.
Ti scrivo e da questa stanza sussurro che se un punto
non ha dimensioni è perché forse le ha unite tutte in sé?
Pensarsi è unirsi – mentre la notte e il giorno
hanno un unico colore e impariamo a pensarci –
e un bene, come mai, nuovo?

Sou um ponto solitário no deserto vermelho:
hoje é esta a minha dimensão, um ponto
que não tem comprimento, largura, profundidade,
caído do lado mais alto do céu sobre uma terra
repleta de silêncios e repentinamente pura.
Escrevo-te de uma zona vermelha, e esta é a verdade:
as fronteiras estão traçadas, o vermelho preencheu o espaço,
vazio, neutro, sem saída, e todos são como eu,
pontos solitários, sem ilusão, na primeira primavera
do milênio que com o tempo está mudando de cara.
Escrevo-te e deste quarto sussurro que se um ponto
não tem dimensões é porque talvez uniu-as todas em si?
Pensar-se é unir-se – enquanto a noite e o dia
têm uma única cor e aprendemos a pensar-nos –
e um bem, como é possível, novo?

Ancora una volta, ci siamo: è arrivata, è stata la gazza che stamattina beccava sul vetro, la testa corvina, poi l'occhio viola, lo scatto feroce un potere per cui non vale disillusione o speranza. È arrivata ma non dice niente della verità – è tutto quello che respiro, il segno sul calendario come sulla pancia, la musica di Julia Holter e Beethoven, le pieghe nel pigiama, la polvere del caffè, il postino che arriva, il pacco sull'erba, il resto nella nebbia, il suono che cambia: è tutto quello che respiri, ci avvicina – e se vuol dire passaggio forse dentro di noi esiste un filtro un transfert violento – se si chiama aprile la pelle di una crisalide rinasce per volarmi intorno: sono fragili le ali, scrivi senza distrazione.

Mais uma vez, é isso: ela chegou, foi ela
a pega-rabilonga que de manhã bicava o vidro,
a cabeça graúna, o olho violeta, o disparo feroz
um poder pelo qual não vale desilusão nem esperança.
Chegou mas não diz nada sobre a verdade – é
tudo aquilo que respiro, a marca no calendário
como na barriga, a música de Julia Holter
e Beethoven, as dobras do pijama, a borra
do café, o carteiro chegando, o pacote na grama,
o resto na neblina, o som que muda: é
tudo aquilo que respiras, nos aproxima – e se quer dizer
passagem talvez dentro de nós exista um filtro
uma transferência violenta – que se chama abril
a pele de uma crisálida renasce para voar
ao meu redor: são frágeis as asas, escreves sem distração.

KRISTNÝ, Gerður. *Notícias do gelo*. Tradução com Luciano Dutra.
São Paulo: Aboio, 2026, p. 54 e 81.

MAÐURINN MEÐ LJÁINN

Hann kemur mér
í opna skjöldu
þar sem hann blasir við
á gamalli ljósmynd

Blikandi ljárinn
kemur ekki upp um hann
heldur hnausþykk gleraugun

Það hlaut að vera
að hann sæi illa
eins ómannglöggur og
hann getur verið

A MULHER COM A FOICE

Me pegou
de calças curtas
ao surgir
numa velha fotografia

O que a entrega
não é a foice reluzente
mas os óculos fundo de garrafa

Só podia ser isso:
ela é ruim das vistas
como a péssima fisionomista
que às vezes é

VÍÐÁTTA

Frá hæsta tind
sést hvar jökullinn
skreið yfir landið

mótaði gljúfur og gil

sló sporði
í hvað sem
fyrir varð

Og við
sem héldum að
ekkert ynni á
þessum eldgömlu klöppum

Nú blasa
ummerkin við
rákir ristar
í berg

fótfesta
allra sem á
eftir koma
til að sjá með
eigin augum
að þar sem dalir
eru djúpir
verða fjöllin há

VASTIDÃO

Do pico mais alto
vê-se por onde a geleira
rastejou sobre a terra

moldando cânions e despenhadeiros

varreu com a cauda
o que havia
no caminho

E nós
que acreditávamos que
nada afetaria
essas rochas ancestrais

Agora apontamos
os vestígios
sulcos entalhados
nas rochas

esteio
de todos que
virão depois
para que vejam
com os próprios olhos
que ali onde os vales
são profundos
as montanhas são altas

BJARNADÓTTIR, Soffía. "Oito poemas". *Eufeme magazine de poesia*. Tradução com Luciano Dutra. Julho/Setembro, 2021, p. 98-99 e 100-101.

Það er verið að stynja úti í blómabeði
og hundur hefur skitið á moldugar tröppurnar
ég loka augunum og tel einfætta tindáta
í draumi
drep þá með svipunni einni saman
eins og ekkert sé eðlilegra
geng ég aftur
á bak
upp
á háaloft
með einhleyfuna í brjóstvasanum.

Ilminn leggur til mín úr eldhúsinu
og frjósemin færir sig nær.

Vertu heima, endurtek ég

Estão gemendo no canteiro de flores
e um cão cagou nos degraus cobertos de terra fecho
os olhos e conto soldadinhos pernetas
num sonho
mato-os só com o chicote
como se fosse a coisa mais natural
subo
de costas
até o sótão
com
um revólver no bolso de cima.

O aroma chega da cozinha até mim
e a fertilidade se aproxima.

Fique em casa, eu repito

Það er verið að spila á mandólín á baðherberginu
og ég sest í ruggustólinn og þykist telja peninga á
meðan þvottavélin klárar sokka
tvífættra hermanna sem litu við
efitr síðasta stríð
brjóstin á mér eru farin að síga
eins og ekkert sé eðlilegra
og ég klippi af mér augnhárin táneglurnar
og aðra geirvörtuna.

Með byssuna við bringubein
bið ég um þögn við matarborðið.

Vertu heima
Vertu heima, elskan
vertu heima

Estão tocando bandolim no banheiro
e eu sento-me na cadeira de balanço e finjo contar
dinheiro enquanto a máquina de lavar termina
o ciclo com as meias
dos soldados bípedes que passam após a última guerra
meus seios começam a cair como se fosse a coisa mais
natural e corto os meus cílios
as unhas do pé
e um dos mamilos.

Com a pistola no esterno
peço silêncio à mesa de jantar.

Fique em casa
Fique em casa, querido
fique em casa

ZURITA, Raúl. *Sua vida quebrando-se. Antologia pessoal*.
Seleção e organização de Ana Rüsche e Francesca Cricelli.
São Paulo: Círculo de poemas, 2026, p. 229, 230 e 330.

Los ríos en el cielo

Tocados del alba entonces nos íbamos
recogiendo los pedazos
abrazados todavía, como si algo del
dolor no quisiera dejarnos
Creo que era eso porque a pesar de todo
el nuevo día se levantaba
y yo continuaba sosteniéndote como
cuando estábamos muertos

Luego los ojos volvieron a cerrárame
arriba los ríos cubrían el cielo

Os rios no céu

Tocados pelo amanhecer, então íamos embora
recolhendo os pedaços
ainda abraçados, como se algo da
dor não quisesse nos abandonar
Acho que era isso porque apesar de tudo
o novo dia amanhecia
e eu continuava a te segurar como
quando estávamos mortos

Então meus olhos se fecharam outra vez
acima os rios cobriam o céu

Y era ya mañana profunda

Seguíamos abrazados y era mañana profunda
y la vista de todos esos cuerpos
sosteniéndose unos a otros
parecía confirmar que esta vez era cierto
el peso de tus brazos apretándome
Nos hablamos entonces como si en verdad
esos fuésemos nosotros
y nuestras voces mezclándose y el asombro
vibraban en la luz

Era ya mañana profunda
como si salieran de las piedras
nuestros cuerpos extranjeros miraban el mar

E já era o amanhecer profundo

Continuávamos abraçados e já era o amanhecer profundo
e a visão de todos aqueles corpos
sustentando-se uns aos outros
parecia confirmar que desta vez era verdade
o peso dos seus braços apertando-me
Falávamos então como se realmente
estes fôssemos nós
e nossas vozes se misturando e o espanto
vibrando na luz

Já era o amanhecer profundo
como se saíssem das pedras
nossos corpos estrangeiros olhavam para o mar

Poema final

Entonces, aplastando la mejilla quemada
contra los ásperos granos de este suelo
pedregoso
—como un buen sudamericano—
alzaré por un minuto más mi cara hacia el
cielo
llorando
porque yo que creí en la felicidad
habré vuelto a ver de nuevo las irrefutables
estrellas

Poema final

Então, esfregando a bochecha queimada
contra o cascalho áspero deste chão pedregoso
— como um bom sul-americano —
levantarei por mais um minuto meu rosto para
o céu
chorando
porque eu que acreditei na felicidade
terei voltado a ver de novo as irrefutáveis
estrelas

CRICELLI, Francesca. *Repátria*. São Paulo: Demônio Negro, 2015, p. 8-11.

Auto-traduições e traduções

É UMA LONGA ESTRADA REPATRIAR A ALMA

Há que se fazer o silêncio
para ouvir os dedos
sobre o velho piano da ferrovia
é uma longa estrada repatriar a alma
a rota é na medula
descida íngreme
ou subida sem estanque –

demolir para construir
e não fugir do terror sem nome
de não ser contido
apanhado, compreendido
é preciso seguir adiante
no fogo e sem ar
e se a dor perdurar
é preciso ser destemido
para espelhar o rosto
em outros olhos
distantes como num espelho.

È LUNGA LA STRADA PER RIMPATRIARE L'ANIMA

Bisogna fare silenzio
per ascoltare le dita
sul vecchio pianoforte della ferrovia
è lunga la strada per rimpatriare l'anima
la via è nel midollo
una ripida discesa
o salita senza sosta –

diroccare per costruire
e non sfuggire al terrore senza nome
di non essere tenuti
presi e compresi
bisogna seguire
nel fuoco e nell'affanno
anche se il dolore perdura
bisogna essere intrepidi
per riposare il proprio volto
in altri occhi
distanti come in uno specchio.

AZUL

Há algo triste no azul dos teus olhos,
algo perdido e infinito neste azul dos teus
olhos,
algo de azul

no triste dos teus olhos.

Há algo de teus olhos neste triste azul, algo
perdido

no infinito do azul dos teus olhos,
algo infinito no azul perdido dos teus olhos.

Há algo azul
no infinito triste
dos teus olhos
perdidos.

BLU

C'è qualcosa di triste nell'azzurro dei tuoi occhi,
qualcosa di sperduto e infinito nell'azzurro dei
tuoi occhi,
qualcosa di azzurro

nei tuoi occhi tristi.

C'è qualcosa dei tuoi occhi in questo triste
azzurro, persa

nell'infinito azzurro dei tuoi occhi,
qualcosa di infinito nell'azzurro sperduto dei tuoi occhi.

C'è qualcosa di azzurro
nell'infinito triste
dei tuoi occhi
perduti.

HO TANTA FEDE IN TE

[Eugenio Montale]

Ho tanta fede in te
che durerà
(è la sciocchezza che ti dissi un giorno)
finché un lampo d'oltremondo distrugga
quell'immenso cascame in cui viviamo.
Ci troveremo allora in non so che punto
se ha un senso dire punto dove non è spazio
a discutere qualche verso controverso
del divino poema.

So che oltre il visibile e il tangibile
non è vita possibile ma l'oltrevita
è forse l'altra faccia della morte
che portammo rinchiusa in noi per anni e anni.

Ho tanta fede in me
e l'hai riaccesa tu senza volerlo
senza saperlo perché in ogni rottame
della vita di qui è un trabocchetto
di cui nulla sappiamo ed era forse
in attesa di noi spersi e incapaci
di dargli un senso.

HO TANTA FEDE IN TE

Tenho tanta fé em ti
que durará
(é a besteira que te disse um dia)
até que um raio d'outro mundo destrua
a enorme sucata em que vivemos.
Estaremos então em não sei que ponto
se é que tem sentido dizer ponto aonde não há espaço
discutindo algum verso controverso
do divino poema.

Sei que para além do visível e do tangível
não há vida possível senão além-vida
é talvez a outra face da morte
que levamos encerrada em nós por tantos anos.

Tenho tanta fé em mim
e a reacendeste sem querê-lo
sem sabê-lo porque em cada cascalho
da vida daqui há uma armadilha
da qual nada sabemos e talvez estivesse
à espera de nós dispersos e incapazes
de dar-lhe sentido.

Ho tanta fede che mi brucia; certo
chi mi vedrà dirà è un uomo di cenere
senz'accorgersi ch'era una rinascita.

Tenho tanta fé que me queima; claro
quem me vir dirá é um homem de cinzas
Sem perceber que era um renascimento

LO SAI DEBBO RIPERDERTI

[Eugenio Montale]

Lo sai: debbo riperderti e non posso.
Come un tiro aggiustato mi sommuove
ogni opera, ogni grido e anche lo spiro
salino che straripa
dai moli e fa l'oscura primavera
di Sottoripa.

Paese di ferrame e alberature
a selva nella polvere del vespro.
Un ronzio lungo viene dall'aperto,
strazia com'unghia ai vetri. Cerco il segno
smarrito, il pegno solo ch'ebbi in grazia
da te.
E l'inferno è certo.

LO SAI DEBBO RIPERDERTI

Sabe: devo perder-te de novo e não posso.
Como com boa pontaria atingem-me
todas as coisas, cada grito cada sopro
de sal que transborda
do cais e faz a escura primavera
de Sottoripa.

Cidade de anzol e mastros
em floresta na poeira vespertina.
Um zumbido contínuo vem de fora,
tortura de unha em vidro. Procuro o signo
desaparecido, único penhor digno da tua
graça.
E o inferno é certo.

CRONOLOGIA

- 1982 Francesca Nuti Pontes Cricelli nasce em Ribeirão Preto (SP) no dia 14 de abril.
- 1991 Muda-se com a família para Itália (Latina, LT).
- 1994 Muda-se com a família para Kuala Lumpur (Malásia), onde frequenta a escola internacional (ISKL).
- 2000 Muda-se com a família para Barcelona (Catalunha, Espanha), onde frequenta a European University.
- 2002 Muda-se para Florença (Itália), onde frequenta a faculdade de Ciência Política Cesare Alfieri da Università degli Studi di Firenze.
- 2004 Faz estágio no Centro de Informações das Nações Unidas (UNIC) em Nova Delhi, Índia.
- 2005 Forma-se em Comunicação e Ciência política com TCC sobre teoria dos jogos aplicada ao conflito nuclear entre a Índia e o Paquistão sob a orientação do professor Luciano Bozzo.
- 2006 Muda-se para o Brasil e frequenta como aluna especial cursos de pós-graduação da FFLCH – USP no Departamento de Ciência Política ministrados pelos professores Cícero Araújo, Bernardo Ricupero e Gildo Brandão.
- 2008 Ingressa no mestrado em Ciências Políticas na FFLCH – USP.
- 2010 Recebe menção honrosa no prêmio literário Nosside.
- 2011 Defende dissertação de mestrado com o título “Uma abordagem estético-dramatúrgica para a representação política” sob orientação do professor Cícero Araújo.
- 2011 É curadora da exposição “De uma estrela a outra” na Casa das Rosas, festejando o sesquicentenário da unificação italiana.
- 2011 Conhece Bruna Bianco e começa uma longa amizade que levará à leitura e organização do arquivo contendo

as cartas que Giuseppe Ungaretti escreveu à mesma na década de 1960.

- 2011 Começa a trabalhar como professora de língua e cultura italiana no Instituto Italiano de Cultura de São Paulo.
- 2011 Traduz o livro *Nas margens de mundos infinitos* do psicanalista italiano Vincenzo Bonaminio, publicado pela Imago e organizado por Ana Rita Nuti Pontes.
- 2012 Ganha uma bolsa para participar do “Laboratorio Internazionale di Comunicazione” organizado pela Università Cattolica di Milano em Gemona, Friuli, Itália.
- 2012 Participa do Festival Parco Poesia em Rimini sob a direção da poeta Isabella Leardini.
- 2013 Organiza o livro *Lettere Giuseppe Ungaretti e Edoardo Bizzarri 1966-1968*, publicado pela editora Scriptorium com apoio do Instituto Italiano de Cultura de São Paulo.
- 2013 Publica o livro de fotografias e poemas *Tudo que toca o olhar* pela editora Scriptorium.
- 2013 É assistente de curadoria do X Festival de Cinema Italiano no Brasil promovido pela Câmara de Comércio Ítalo-Brasileira de São Paulo sob a direção de Nico Rossini.
- 2013 É jurada do Prêmio Jabuti na categoria Tradução.
- 2013 Participa do Festival Parco Poesia sob a direção da poeta Isabella Leardini.
- 2015 Ingressa no doutorado do programa LETRA – Literaturas Estrangeiras e Tradução na FFLCH – USP, sob a orientação do professor Maurício Santana Dias.
- 2015 Tem sua primeira tradução literária (*Dias de abandono* de Elena Ferrante) publicada pelo selo Biblioteca Azul (editora Globo).
- 2015 Publica o livro de poemas bilíngue português-italiano *Repátria* pela editora Selo Demônio Negro.

- 2015 Recebe o Prêmio Funarte com o poeta Alex Dias e o artista plástico Eduardo Salvino pela obra "Toque-me: um telefone público como oráculo de poemas em áudio".
- 2016 Convidada para participar do Festival Internacional de Poesia na China, visitando Pequim e Qinghai.
- 2016 Começa a ensinar inteligência literária em língua italiana na Casa Guilherme de Almeida.
- 2016 Participa como professora convidada do curso livre de escritores da Casa das Rosas.
- 2016 Traduz o livro de filosofia *Platone non era malato: Il pensiero platonico dai dialoghi socratici alla dialettica* de Marcelo Perine para a editora Vita e Pensiero.
- 2016 Publica o artigo "De Qinghai para o mundo" na edição de 16 de novembro da revista *Cult*.
- 2016 Participação no congresso da ABRALIC na UERJ com o trabalho "Giuseppe Ungaretti, tradutor por amor: a relação entre tradução e escrita nas cartas para Bruna Bianco".
- 2017 Participa do Festival Internacional de Poesía de Granada, na Nicarágua.
- 2017 Participa do Beşiktaş International Spring Poetry Festival em Istambul, organizado pelo poeta Ataol Behramoğlu.
- 2017 Organiza com Ana Rüsche e participa do allover5 Poetry & Food Festival em Nova Iorque, EUA.
- 2017 Lança a plaquette trilingue (português-espanhol-inglês) *17 poemas + 1* em Nova Iorque.
- 2017 Participa do Festival Pordenone Legge na Itália.
- 2017 Ministra o seminário "Traduzione e poesia nelle lettere d'amore di Giuseppe Ungaretti a Bruna" no Centro de Estudos da Tradução Universidade da Islândia em

- Reykjavík, em parceria com o Instituto Veröld–Vigdís Finnbogadóttir de Línguas Estrangeiras, Islândia, e a Embaixada da Noruega em Oslo, a convite do professor Gauti Kristmannsson.
- 2017 Lança a plaquette bilíngue português-islandês *17 ljóð + 1* pela editora Sagarana forlag, Islândia.
- 2017 Participa da oficina internacional “Con barqueira e remador” de tradução literária para poetas na Galícia, sob a curadoria de Yolanda Castaño.
- 2017 Participa do Festival de Poesia de Allariz, na Galícia, Espanha.
- 2017 Publica entrevista com os professores Giorgio de Marchis e Gian Luigi De Rosa na revista *Cadernos de Literatura em Tradução*, publicada pelo Departamento de Letras Modernas da FFLCH – USP.
- 2017 Lança o livro *Repátria* em edição bilíngue italiano-português na Itália pela editora Carta Canta.
- 2017 É entrevistada sobre a cidade de São Paulo e sua cena literária pela poeta Nathalie Handel para o portal Words Without Borders.
- 2017 Participa da antologia *Oír Ese Río – Antologia poética de los cinco continentes*, organizada por Esteban Charpentier e Robert Max Steenkist e publicado na Argentina e Colômbia.
- 2017 Ministra o curso “Traduzir Eugenio Montale” na Casa Guilherme de Almeida.
- 2017 Publica o capítulo “Intelecção literária e ensino de língua estrangeira: encontrar a si através do outro”. In: Geruza Zelnys; Alexandre Filordi de Carvalho. (Org.). ‘Paisagens menores: Experiências com a escrita criativa’. 1ed. São Paulo: Dobradura, v. 1, p. 185-199.

- 2017 Ministra o "CLIP Raúl Zurita", aula-show sobre a poesia do poeta chileno Raúl Zurita no SESC Ribeirão Preto.
- 2017 Participa do encontro "Escrita um lugar de encontro um lugar de escrita" ao lado de Julián Fuks e com mediação de Ana Rüsche na série "Conselhos para quem escrever" na livraria Tapera Taperá, São Paulo.
- 2017 Publica "Lettere a Bruna", testemunho da descoberta de um arquivo para a revista *Nuovi Argomenti*.
- 2017 Participa do "Ocupações: Escritor na USP" ao lado de Ricardo Ramos e com mediação de Paula Fábrio, na FFLCH – USP
- 2017 Publica o artigo "Correspondência entre ausentes: Uma viagem ao Festival Internacional de Poesia de Granada", na edição de 6 de abril da revista *Cult*.
- 2018 Participa do congresso "Sponde, Confini e Trincee. L'Italia nell'Europa post-1918" na Universidade da Islândia, Reykjavík, com o trabalho "La presenza degli artisti nelle lettere di Ungaretti a Bruna Bianco".
- 2018 Publica pela editora Nós e Buzz suas traduções dos romances *Adua*, *Minha casa é onde estou* e *Caminhando contra o vento* de Igiaba Scego.
- 2018 Participa da publicação da edição especial da revista *Cadernos de Literatura em Tradução – 100 grandes poemas da Índia*, do Departamento de Letras Modernas da FFLCH – USP, com organização de Abhay K.
- 2018 Lança plaquete na coleção "Vozes, Versos leituras de poesia" pela editora Quelônio, com curadoria de Tarso de Melo e Heitor Ferraz Melo, ao lado dos poetas Marcelo Sandman e Reynaldo Damazio.
- 2018 Participa do Festival Internacional Poetry and Liquor em Lanzhou, China.

- 2018 Ministra a conferência “Poesia brasileira do modernismo aos dias de hoje” no Núcleo de Estudos Brasileiros da Universidade de Pequim (PKU), a convite do precocemente falecido professor Hu Xu Dong.
- 2018 Participa da série “Poetry comes to the museum” no Museu Minsheng em Xangai, onde lança a coletânea bilíngue mandarim-português 17 poemas + 1, na tradução do professor Hu Xu Dong.
- 2018 Publica o conto “Memória do vítreo” na revista *Ventana Latina*, Londres.
- 2018 Participa do Festival Internacional de Literatura Fraktura em Zagreb, Croácia.
- 2018 Participa da antologia *Dicir unha illa*, organizada por Estevo Creu Andrade, resultado do obradoiro de tradução “Con barqueira e remador” realizado na Galícia no ano anterior.
- 2019 Participa com traduções de poesia italiana contemporânea, ao lado de Claudia Alves, do zine *bacuri* v. 2 publicado pela editora Jabuticaba.
- 2019 Ministra o curso “Literatura e Refúgio” na Casa Guilherme de Almeida.
- 2019 Publica dois poemas na *Magma – Revista dos Alunos de Teoria Literária e Literatura Comparada*, PPG TLLC – USP.
- 2019 Publica o artigo “Transitando pelo erótico, o pornográfico e o obsceno: um olhar psicanalítico” na revista *BERGASSE* 19, v. IX, p. 117-135.
- 2019 Publica poemas em espanhol na revista *Vallejo & Co.*, Peru.
- 2019 Lança *Errância*, livro de crônicas de viagem e poemas traduzidos, pelas editoras Macondo e Sagarana forlag

(Juiz de Fora e Reykjavík).

- 2019 Participa de encontro com alunos da UFSC proferindo a palestra “Os desafios na tradução da literatura italiana contemporânea: os romances *Adua* e *Minha casa é onde estou*, de Igiaba Scego”.
- 2019 Defende a tese de doutorado “Diálogos em tradução cartas de Giuseppe Ungaretti a Bruna Bianco” sob orientação de Maurício Santana Dias, no PPG LETRA, FFLCH – USP.
- 2019 Organiza a antologia de poetas brasileiros contemporâneos *Poezija Brazil* lançada na Croácia com poemas de Prisca Agustoni, Leonardo Fróes, Thiago Ponce de Moraes, Carlos Orfeu e Lubi Prates.
- 2019 Lança a plaquete bilíngue português-espanhol *Pelas curvas negras do rio* pela editora ;Nosotros.
- 2019 Proferi a palestra “Ler e traduzir Igiaba Scego, falas e trocas com a literatura contemporânea” no Ateliê 397, São Paulo.
- 2019 Participa do Printemps littéraire brésilien, organizado pelo professor Leonardo Tonus (Université de la Sorbonne-Nouvelle Paris III) em diversas mesas: “Migrants and Refugees. Reading invisibility and representation in the artistic field”, “Literature in Transit”, com moderação dos professores Leonardo Tonus e Peter W. Schulze, “Literature and Politics. Possible interventions?” em Zúrique e Colônia.
- 2019 Participa do curso de verão em língua islandesa organizado pelo Árnastofnun – Instituto Árni Magnússon, Reykjavík, Islândia.
- 2019 Proferi a palestra “Igiaba Scego, Elena Ferrante e outras traduções da literatura escrita por mulheres” no Ci-

- trat, DLM, FFLCH – USP.
- 2019 Faz a curadoria de poemas traduzidos para a revista *Kuruma-tá*.
- 2020 Faz a curadoria de poemas traduzidos para a revista *Lavoura*, ed. VI.
- 2020 Publica poemas e prosa na *Campo de los Patos – Revista Asturiana de Cultura*.
- 2020 Faz a curadoria de poemas traduzidos para a revista *Virada – Literatura e Crítica*, v. 2, organizada por Patrícia Lino.
- 2020 Participa do curso de verão em língua e cultura islandesa na Universidade da Islândia.
- 2020 Se inscreve no curso de graduação em islandês como segunda língua na Universidade da Islândia.
- 2020 Começa a colaborar com o grupo de escritores da revista *Ós Pressan* em Reykjavík.
- 2020 Publica o conto “Distância de contato” na revista *AMARELLO*.
- 2020 Participa do encontro “Freedom of imagination reading: poetry in times of political repression” organizado pelo PEN Clube da Croácia [atividade online].
- 2020 Profere a palestra “Achados e perdidos: busca por pertencimento na literatura italiana exercícios de tradução literária”, Núcleo de Criação e Tradução, Instituto de Letras – UFF [atividade online].
- 2020 Participa do encontro “Renascença: cultura e barbárie” organizado pelo professor Andrea Lombardi (UFRJ) com a palestra “Tradução das mulheres renascentistas: Laudomia Forteguerrí”.
- 2021 Participa com poemas tibetanos traduzidos do inglês e comentados na revista *Cadernos de Literatura em Tra-*

dução Cadernos de Literatura em Tradução – Especial Tibete, do Departamento de Letras Modernas da FFLCH – USP, com organização de Shelly Bhoil.

- 2021 Participa da primeira coletânea de poetas estrangeiros na Islândia, “Polifónia af erlendum uppruna” (“Polifonia de origem estrangeira”), publicado pela Una útgáfuhús, Reykjavík.
- 2021 Apresenta as conferências “As cartas de Giuseppe Ungaretti a Bruna Bianco” e “Traduções italianas de Augusto de Campos” na casa Guilherme de Almeida [atividade online].
- 2021 Participa do encontro “Tradução cultura e poética da amizade de Hu Xudong”, promovido pela UNEB e IEL – Unicamp) [atividade online].
- 2021 Participa do encontro “Maternidades em tradução” do III TREMA – Encontro de Mulheres, Tradução e Mundo Editorial, FFLCH – USP [atividade online].
- 2021 Apresenta o trabalho “Das múltiplas tessituras da língua: poesia e autotradução em Zingonia Zingone, Prisca Agustoni e Francesca Cricelli” na UFSCAR [atividade online].
- 2021 Apresenta a conferência “Errâncias de tradução, transcrição e escrita: uma conversa com Francesca Cricelli”, organizada pela UFSC [atividade online].
- 2021 Apresenta a conferência “Cruzar fronteiras em tradução” organizada pela UNEB, PGET – UFSC, Universtà Ca’ Foscari Venezia, UFSB e UEA [atividade online].
- 2021 Participa ao lado de Micheline Verunsk e Manuela Bezerra do encontro MIGRA, organizado pelo professor Leonardo Tonus [atividade online].
- 2021 Participa ao lado de Johnny Lorenz, Jeffrey Angles e

- Andrei Cunha da mesa “Tradução e poesia” na Abralic [atividade online].
- 2021 Apresenta a palestra “Fueling poetry with translation” organizada pelo município de Akureyri, Islândia [atividade online].
- 2021 Participa da conferência internacional “Translating minorities and conflict literature”, organizada pela Universidade de Córdoba e pela Università degli Studi di Trieste [atividade online].
- 2021 Participa ao lado da poeta Lubi Prates do encontro “Poesia Insubmissa”, organizado pelo Centro Cultural São Paulo [atividade online].
- 2021 Participa ao lado dos poetas Paulo José Miranda e Rita Taborda Duarte na conversa “Lucidez e mistério” no Festival Ronda Leiria Poetry Festival [atividade online].
- 2021 Publica texto sobre tradução na revista agagê 80.
- 2021 Participa do encontro Cities of Translators: São Paulo, organizado pelo Goethe Institut.
- 2021 Publica “Quatro poemas” na revista *Acanto*, Leiria, Portugal.
- 2021 Publica “Cinco poemas para Andri Bjartur” na revista *DiVersos poesia e tradução*, Águas Santas, Portugal.
- 2021 Publica a prosa de ficção “E agora que estou no futuro, permaneço” na revista *Literary Creation*, publicada pela Indiana University Press, Indiana, EUA.
- 2021 Publica o poema „Hvert fara öskrin?“, traduzido por Pedro Gunnlaugur Garcia [do original “Aonde vão os gritos”] na revista *Mál og menning*, edição de inverno, n. 1, Reykjavík, Islândia.
- 2021 Participa da *Antologia de poetisas contemporâneas do Brasil* publicada pela Editora da Unicamp, Campinas..

- 2021 Participa da antologia *Sielun kestää kauan palata kotimaahansa* ["É uma longa estrada repatriar a alma"], publicada pela editora Parkko, Turku, Finlândia, com organização de Rita Dahl, resultado do obradoiro de tradução "Con barqueira e remador" realizado na Galícia em 2017.
- 2021 Participa da antologia *Encontros com a poesia do mundo*, publicada pela Unesp, Assis.
- 2021 Publica o poema "É uma longa estrada repatriar a alma". Victoria, Canadá: University of Victoria, (Revista acadêmica literária com ensaios e poemas).
- 2021 Publica "Seis poemas" na *Eufeme Magazine*, Portugal.
- 2021 Publica as seguintes traduções:
- *A estrangeira*, romance de Claudia Durastanti (todavia, São Paulo).
 - *Nascimento e morte da dona de casa*, romance de Paola Masino (Instante, São Paulo).
 - *Os leões da Sicília*, primeiro romance da trilogia *A saga dos Florio* de Stefania Auci (HarperCollins, São Paulo).
 - "Oito poemas" de Soffía Bjarnadóttir e "Seis poemas" de Fríða Ísberg (traduções do islandês). (*Eufeme Magazine*, Portugal).
- 2021 Participa da coluna "Conversas Flutuantes" de Carola Saavedra no jornal *Rascunho*, ed. 257 (setembro), Curitiba.
- 2021 Nasce seu filho Andri Bjartur.
- 2021 Publica o poema "Conheço um país" na *Revista do Centro de Pesquisa e Formação – SESC/SP*, n. 12 (julho).
- 2022 Publica em livro o ensaio "Das múltiplas tessituras da língua: poesia e autotradução em Zingonia Zingone,

Prisca Agustoni e Francesca Cricelli". In: Adaauto Locatelli Taufer; Andrei dos Santos Cunha; Bruno Costa Zitto (org.). *Diálogos transdisciplinares: Ciências humanas, cultura, tecnologia*. Porto Alegre: Class, 2022, v. 1, p. 144-161.

2022 Participa ao lado da escritora Igiaba Scego, com mediação da professora Giulia Riccò da conversa virtual "Italia/ / Itália", na série Literary Mediations Across the South (parte 2), co-organizado por Departamento de Línguas e Literaturas Românicas, Departamento de Literatura Comparada, Language Resource Center e pelo Centro de Estudos da América Latina e do Caribe, Universidade de Michigan, EUA

2022 Participa do café multilíngue "Caffè con Lettere", com a temática "Por que e para que estudar italiano hoje?", aula inaugural da área de italiano, organizado pelo Núcleo de Extensão do Instituto (NUPEL) do Instituto de Letras – UFBA [atividade online].

2022 Participa ao lado de vários outros poetas islandeses e estrangeiros, do evento "Ljóð fyrir Úkraínu/Poetry for Ukraine", leitura de poemas promovida pela Cidade da Literatura da Unesco-Bókmenntaborg e pelo PEN Islândia, Reykjavík e organizada por Sjón.

2022 Participa do Mulheres Tradutoras, mesa-redonda organizada por Simone Homem de Mello, Sheila dos Santos e Marlova Aseff, Dirce Waltrick do Amarante e Fedra Rodríguez pela Casa Guilherme de Almeida com as tradutoras Nina Rizzi e Marília Garcia [atividade online].

2022 Publica a tradução do romance *Fidelidade* de Massimo pelo selo Biblioteca Azul (editora Globo).

- 2022 Publica poemas traduzidos em francês numa coletânea organizada por Helena Bonito Pereira e Laís Gerotto de Freitas Valentim.
- 2022 Publica nova edição do texto “E agora que estou no futuro permaneço” para a revista *Caderno de Leituras*, n. 146, publicada pela editora Chão de Feira, Belo Horizonte.
- 2022 Participa do VI Festival Internacional de Poesía “En el lugar de los escudos” dedicado a Rafael Cadenas, México [atividade online].
- 2022 Participa da série “Conversa com escritor”, entrevista por Marcelo Batalha [atividade online].
- 2022 Participa ao lado do professor Fábio de Souza Andrade e Ester Sandler do VI Encontro Memória do Futuro – “Matrizes literárias e pensamento de Bion”, organizado pela Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto.
- 2022 Comenta o filme “A filha perdida” de Maggie Gyllenhaal baseado no romance homônimo de Elena Ferrante na série Cinema e Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto.
- 2022 Participa do episódio 29 do podcast “A hora da virada”, entrevistada por Sandra Acosta.
- 2022 Publica o poema “A loba” na revista *Pupa*.
- 2022 Conquista, representando a Islândia, residência literária virtual de Nanjing – Cidade Literária da Unesco [atividade online].
- 2022 Lê poemas seus na Scarsdale Public Library de Nova Iorque [atividade online].
- 2022 É entrevistada pelo professor Sandro Adriano Silva e Cleber Luz para a edição 28 da *Crioula* – Revista Ele-

- trônica dos Alunos de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, FFLCH – USP.
- 2023 Ministra ao lado de outros professores o curso “Lendo Elena Ferrante” no portal Deriva.
- 2023 Participa do dossiê “À procura de Elena Ferrante” organizado por Fabiane Secches na revista *Cult*, ano 26, ed. 291.
- 2023 É *visiting fellow* na Universidade de Londres, Institute of Languages Cultures and Societies, Centre for the Studies of Contemporary Women’s Writing com projeto sobre escritoras islandesas exófonas.
- 2023 Participa do seminário “Epic Residencies in Translation”, promovido pelo Gunnarsstofnun – Instituto Gunnar Gunnarsson, pela Associação Islandesa de Escritores e organizado por Ewa Marcinek e Jakub Stachowiak.
- 2023 Participa como mediadora e intérprete do Festival Internacional de Literatura de Reykjavík – Bókmenntahátíð entrevistando Gonçalo M. Tavares.
- 2023 Publica „Stiklað á stóru um skáldsöguna Jerúsalem eftir Gonçalo M. Tavares”, pós-facio à tradução islandesa de Pedro Gunnlaugur Garcia do romance *Jerusalém* de Gonçalo M. Tavares. Reykjavik: Una útgáfhús, 2023, p. 260-264.
- 2023 Publica sua tradução do romance *Cara paz* de Lisa Ginzburg pela editora Nós, São Paulo.
- 2023 Participa da antologia *A boca no ouvido de alguém: corpo identidade língua*, organizada por Tiago Alves Costa e publicada pela Através Editora, Santiago de Compostela, Galícia, Espanha.
- 2023 Participa do evento “Reykjavík Poetics” na Islândia no

teatro Mengi.

- 2023 Publica o ensaio "Excuse me madam, where is your tongue?" na coletânea bilíngue *Skáldreki/Writers Adrift*, organizada por Ewa Marcinek e Natasha Stolyarova e publicada pela Una útgáfhús, Reykjavík.
- 2023 Participa do workshop de tradução de literatura islandesa com a professora Silvia Cosimini (Università di Firenze) e traduz para o italiano, ao lado de outros alunos, o livro "Mamma svitata" de Gunnar Helgasson, publicada pela Uovonero, Cremona.
- 2023 Publica ao lado de Luciano Dutra "Seis poemas" de Gerður Kristný (traduções do islandês). (*Eufeme Magazine*, Portugal).
- 2023 Começa a participar do coletivo de tradutoras "Quem traduziu?"
- 2023 Traduz poemas da islandesa Soffía Bjarnadóttir, do cubano Sergio Garcia Zamora e da italiana Francesca Serragnoli na revista *Cândido*, n. 141, publicada pela Biblioteca Pública do Paraná.
- 2023 Participa do Clube do Livro n. 6 da Rádio Eldorado, conversando sobre o livro *Cara paz* com a autora Lisa Ginzburg.
- 2023 Participa da leitura *Ljóð og vinir* n. 3 no teatro Mengi, Reykjavík, Islândia.
- 2023 Publica poemas em tradução castelhana própria, em colaboração com Francisco Larios e Sergio García Zamora, na revista *Círculo de Poesía*, n. 15.
- 2023 É entrevistada pelo portal Salvo Conteúdo sobre a tradução do livro *Cara paz* de Lisa Ginzburg.
- 2023 Participa de evento sobre criação de neologismo de palavras em islandês na Biblioteca Municipal de Reykja-

vík-Borgarbókasafn, propondo a palavra *lærleggssmíð* (“gambiarra”).

- 2023 Escreve e publica posfácio ao terceiro volume da “tetralogia da amiga genial” de Elena Ferrante para o selo Biblioteca Azul (editora Globo).
- 2023 Representando a Islândia, tem um poema selecionado na antologia *The best non-required Nordic poetry*, publicada pela Wadskjær forlag, Frederiksborg, Dinamarca.
- 2023 Começa a dar aulas de língua portuguesa e italiana no curso de extensão da Universidade da Islândia no centro Endurmenntun háskolans (EHÍ).
- 2024 É curadora do evento Reykjavík Poetics no teatro Mengi.
- 2024 Organiza e media o seminário “New voices from Iceland: Translingualism and Translation” na London University, onde conversa com as escritoras Mao Alheimsdóttir, Heln Cova, Ewa Marcinek e Natasha S.
- 2024 Apresenta, ao lado da professora doutora Maria Morelli, o trabalho “On memory and belonging: Djaimilia Pereira de Almeida and Conceição Evaristo’s recent works” na Universidade de Londres.
- 2024 Apresenta o trabalho “Igiaba Scego translated in Brazil: a case study” no seminário Memory and the Empire: New Directions promovido pela Universidade de Londres e organizado por Charles Burdett e Gianmarco Mancoso.
- 2024 Apresenta o trabalho “The narration of the self beyond a search for belonging: Igiaba Scego, Claudia Durastanti and Ewa Marcinek” no congresso da IABA – International Autobiography Association, sediado pela Universi-

dade da Islândia, Reykjavík.

2024 Apresentação do trabalho "Footnote Guerrilla Tactics" no encontro Feminist Practices of Translation organizado pelas professoras Jamille Pinheiro e Sofie Stephens e promovido pelo Centro de Estudos Latino-Americanos e Caribenhos (CLACSA) – Universidade de Londres.

2024 Publica as seguintes traduções:

- *Café Tangerinn*, romance de Emanuela Anechoum (selo Biblioteca Azul, editora Globo).
- *Flor de rocha*, romance de Ilaria Tuti (Rua do Sabão, São Paulo).
- *Cassandra em Mogadíscio*, romance de Igiaba Scego (Nós, São Paulo).
- *Uma pluma escondida*, romance de Lisa Ginzburg (Nós, São Paulo).
- *Leve como o ar*, romance de Ada d'Adamo (todavia, São Paulo).

2024 Publica o poema "Here my tongue" na revista *Latitude Journal*, Colônia, Alemanha.

2024 Publica a plaquete "Pele do tempo/Tissue of time" com o poema bilíngue inglês-português resultado da residência literária em Nanjing – Cidade Literária da Unesco, pela Editora Primata.

2024 Publica o livro de poemas *Inventário* pela editora Nós, São Paulo.

2024 É entrevistada pelo jornal *Rascunho* com o título "A fúria deliciosa da escrita".

2024 Media e entrevista a escritora italiana Nadia Terranova em evento promovido pelo Instituto Italiano de Cultura de Oslo na Biblioteca Municipal de Reykjavík.

2024 Participa do podcast Livros no Centro da Livraria Me-

- gafauna apresentando *As pequenas virtudes*, seu livro favorito de Natalia Ginzburg na sessão “devorados”.
- 2025 Lança *Eignatal*, versão islandesa do livro de poemas *Inventário*, traduzido por Pedro Gunnlaugur Garcia e publicado pela editora Dimma, Reykjavík, Islândia.
- 2025 Muda-se para São Paulo, onde começa o pós-doutorado no PPG LETRA, FFLCH – USP.
- 2025 Publica o artigo “Giuseppe Ungaretti e as artes plásticas: a construção da escuta e refrações de uma carta a Bruna” na *Revista de Italianística*, v. 54, p. 189-218, 2025, com organização de Fabiano Dalla Bona (UFRJ) e Adriana Iozzi Klein (USP), editada pela Área de Língua e Literatura Italiana do Departamento de Letras Modernas, FFLCH – USP.
- 2025 Lança ao lado de Luciano Dutra a tradução de *Os peixes também sabem cantar* de Halldór Laxness, publicado pela editora Zain, seguido de posfácio: DUTRA, L.; CRICELLI, F. “Os peixes que aqui gorjeiam”. Belo Horizonte: Zain, 2025, p. 327-331.
- 2025 Participa com a palestra “Vozes da literatura contemporânea italiana escrita por mulheres” do PLIT Convida – II Ciclo de Encontros com Tradutores, com mediação de Tatiana Fantinatti, organizado pelo Programa de Literatura Italiana e Tradução – PLIT, Instituto de Letras – UFBA.
- 2025 Participa com uma oficina de tradução de haikais italianos do encontro “Melhores perfumes, menores frascos: desafios na tradução de textos breves” durante a V Oficina de Tradução literária organizado pelo Programa de Literatura Italiana e Tradução – PLIT, Instituto de Letras – UFBA.

- 2025 Aulão “Dez anos de tradução literária” no âmbito do encontro Jardim de Traduzir UFF.
- 2025 Oficina “Ecos da Antiguidade: vozes clássicas na poesia italiana contemporânea” como parte do encontro Jardim de Traduzir, UFF.
- 2025 Ísfrétt: Notícias do gelo, conferência de encerramento do III Colóquio Tradução e Criação, UFF.
- 2025 Participação em mesa na ABPI: “Tradução e Inteligência Artificial: Transformações na Prática e na profissão”, UFSC.
- 2025 Escrita na cena, leitura de poemas com direção de Luna Martinelli e Paula Autran.
- 2025 Participa do podcast Rádio Salvo, episódio 43.
- 2025 Aula “O olhar de Ungaretti sobre as artes: o que transparece nas cartas a Bruna”, PPG – Língua, Literatura e Culturas Italianas, FFLCH, USP Grupo de Pesquisa a Tradução Literária Italiana.
- 2025 Roda de leitura com as poetas Shelly Bhoil, Gisele Wolkoff, Marina della Valle, livraria das Perdizes
- 2025 Entrevistada ao lado de Luciano Dutra por Amanda Calazans para o jornal *O Estado de São Paulo*, com o título “Eyja íss, elds og bóka” [“Ilha do gelo, do fogo e dos livros”].
- 2025 Participa ao lado de Luciano Dutra e Leonardo Pinto Silva, com mediação de Paula Jacob, da mesa “Do silêncio ao Nobel – Halldór Laxness e Jon Fosse”, na Feira do Livro de São Paulo.
- 2025 Prefacia *Gleði skiptrotanna*, a primeira antologia de poemas de Giuseppe Ungaretti em língua islandesa, com seleção e tradução de Gyrðir Elíasson, publicada pela editora Dimma, Reykjavík.

- 2025 Publica a tradução do HQ *Hotel Heartbreak* de Micol Beltramini e Agnes Innocente pelo selo Plataforma 21 da V&R Editoras.
- 2025 Primeira escritora a ser contemplada pela Residência 1863 de “Conciliació para nais [mães] escritoras” financiada pelo Concello da Coruña, Galícia, Espanha.
- 2025 Participa com a palestra “Terra mãe: paisagens ecológicas e maternas na poesia escrita por mulheres no Brasil e na Itália” do POLDRA, evento de viagem literária no município de Ribeira, com organização da Deputación Provincial da Coruña, Galícia, Espanha.
- 2025 Participa do II Congresso de Pós-Doutorandos da USP.
- 2025 Ministra ao lado da professora Lucia Wataghin a disciplina de pós-graduação FLM6063-1 – “Mulher, Literatura, História Natalia Ginzburg e Elsa Morante”, Departamento de Letras Modernas, FFLCH – USP.
- 2025 Publica resenha do livro infantil *A pequena violinista* de Jon Fosse na revista *quatro cinco um*, ano 9, n. 98.
- 2025 Participa ao lado de Aislan Macieira, Valentina Cantori e Maurício Santana Dias do encontro “50 anos da *Tabela Periódica* de Primo Levi”, FFLCH – USP.
- 2025 Participa do VII encontro En_Letra, Departamento de Letras Modernas, FFLCH – USP.
- 2025 Participa ao lado de Luciano Dutra do episódio n. 9 (“Amor de Festival”) do podcast Livros no Centro da Livraria Megafauna, com entrevista de Rita Palmeira.
- 2026 Publica a resenha “As mentiras que você contou pra mim” sobre o romance *Via Gemito* de Domenico Starnone na revista *quatro cinco um*, ano 10, n. 101.
- 2026 Ministra ao lado de Luciano Dutra o curso de verão (extensão) “Literatura islandesa: a poesia do coletivo

Svikaskáld”, FFLCH – USP.

- 2026 Apresenta o trabalho “Mapping Academic and Cultural Reception of Igiaba Scego’s Literary Work in Brazil: Perspectives from a Global South Archive” no seminário “Theorizing Translation in the Global South: Networks and Sites of World Literary Formations” durante o congresso anual da ACLA – American Comparative Literature Association em Montréal, Canadá.
- 2026 É contemplada com a bolsa PIPD – CAPES de pesquisa a ser realizada na condição de *visiting fellow* na Università per gli Stranieri di Siena sob a supervisão da professora Tiziana de Rogatis.
- 2026 Publica o livro de poemas *Notícias do gelo*, da poeta islandesa Gerður Kristný, em co-tradução com Luciano Dutra. São Paulo: Aboio, 2026.
- 2026 Publica o livro infantil traduzido *Sua alteza lamacenta: princesa do país do lodo*, da italiana Beatrice Alemagna. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2026.
- 2026 Publica a antologia de poemas traduzidos do castelhano *Sua vida quebrando-se. Antologia pessoal*, do chileno Raúl Zurita, com seleção e organização de Ana Rüsche e Francesca Cricelli. São Paulo: Círculo de poemas, 2026.
- 2026 Publica o romance traduzido *Antes e depois*, da italiana Alba de Céspedes. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2026.

Francesca Cricelli Entrevista foi composto nas fontes Avenir e Copperplate, impresso sobre os papéis Supremo 250 gramas e Avena 80 gramas para a Editora Medusa, em Curitiba, Paraná, Brasil, na primavera de 2026.